

## A POBREZA E A CARIDADE COMO "VIRTUDES HERÓICAS" NO PORTUGAL DA ÉPOCA MODERNA: TEXTOS E CONTEXTOS

PAULA ALMEIDA MENDES

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM

paula\_almeida@sapo.pt

**RESUMO:** Tendo como pano de fundo a problemática em torno da «virtude heróica» da Pobreza e do amor pelos pobres, no Portugal da Época Moderna, este artigo procura chamar a atenção para os moldes em que aqueles aspetos se equacionam na literatura de espiritualidade, sobretudo nas «Vidas» de santos e nas «Vidas» devotas editadas por aqueles tempos. Não raras vezes, o amor pelos pobres e a Pobreza assumem um destaque polarizador, na moldura da construção de um retrato, pautado pela ortodoxia da fé e a prática das «virtudes heróicas», visando a promoção da «santidade» desses cristãos considerados excecionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Portugal; Época Moderna; Hagiografia; Biografia devota; Pobreza; Caridade.

**ABSTRACT:** Against the backdrop of the “heroic virtue” of Poverty and the love for the poor in Modern Portugal, this article seeks to draw attention to the ways in which those aspects are equated in the literature of spirituality, especially in the “Lives” of saints and devout “Lives” edited by those times. Often the love for the poor and the Poverty are polarized in the framework of the construction of a portrait, based on the orthodoxy of faith and the practice of “heroic virtues”, in order to promote the “holiness” of these Christians considered exceptional.

**KEY-WORDS:** Portugal; Modern Age; Hagiography; Devout biography; Poverty; Charity.

1. Escorados no Novo Testamento, sobretudo nos Evangelhos, e na Patrística<sup>1</sup>, o amor preferencial pelos pobres e a apologia da pobreza constituem dois *leitmotifs* que percorrem uma grande parte da literatura religiosa e de espiritualidade, ao longo da Época Moderna.

---

<sup>1</sup> Para uma visão panorâmica, veja-se AA. VV. – *Pauvreté chrétienne*. In *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, fascicules LXXVI-LXXVII. Paris: Beauchesne, 1983, cols. 614-698; SÁ, Isabel dos Guimarães – *Pobreza*. In AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

Como é sabido, no Antigo Testamento, a questão da pobreza – e também a da riqueza – era equacionada em moldes pautados por uma significativa ambivalência, justificados, naturalmente, pelos contextos de produção do extenso volume de textos que o constituem: será, por isso, o Novo Testamento, especialmente o Evangelho de São Mateus, que dará um contributo fundamental, no sentido de uma (re)valorização da pobreza e da figura do pobre, (re)configurados a partir de uma dimensão cristocêntrica, declinando uma mensagem, de pendor consolatório, que, de resto, ia ao encontro das ânsias e das necessidades do Homem. Cristo apresenta-se como o «Messias dos pobres», autorizando e enaltecendo, como nos mostram os Evangelhos, os mais humildes e desfavorecidos – os «pobres em espírito» (Mt, 5, 3) –, que demonstram confiança na Providência. Deste modo, a doutrina cristã escorar-se-á, em larga medida, na apologia da pobreza e do ideal do *contemptus mundi*, na medida em que constituem vias e instrumentos fundamentais, no sentido de alcançar uma vida cristã perfeita – ao contrário das riquezas e dos bens mundanos que, pela sua própria natureza, conduzem ao pecado e à condenação eterna<sup>2</sup>.

Todavia, como já realçou Maria Antónia Lopes, «a imagem que o pobre suscitou e as atitudes para com ele nunca foram unívocas. A ambivalência, a ambiguidade, as contradições sempre impregnaram os discursos sobre os pobres e as ações institucionais que lhes dirigiam»<sup>3</sup>, configurando uma moldura em que a dimensão social se mesclava, obrigatoriamente, com a dimensão moral, «cuja responsabilidade radicava para uns em Deus, que inventara a ordem desigual das coisas, e depois nos próprios poderosos, cuja caridade não supria com suficiência as necessidades daqueles que lhes eram inferiores»<sup>4</sup>.

Se, como realçou Maria José Ferro Tavares, em *Pobreza e morte em Portugal na Idade Média*, o pobre detinha um «estatuto» privilegiado, se perspetivado sob o prisma escatológico – e que justificava e autorizava, ao longo do período medieval, a prática da esmola ou de legados pios –, haverá que ter em conta que a Coroa portuguesa conjugou esforços, no sentido da promulgação de uma legislação<sup>5</sup> dirigida, sobretudo, aos falsos mendigos e vadios que levavam

<sup>2</sup> AA. VV. - *Pauvreté chrétienne*. Ob. cit. cols. 623-624.

<sup>3</sup> LOPES, Maria Antónia da Silva Figueiredo – *Pobreza, assistência e controlo social em Coimbra (1750-1850)*. Vol. I. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, p. 21.

<sup>4</sup> XAVIER, Ângela Barreto – *Amores e desamores pelos pobres: imagens, afectos e atitudes (sécs. XVI e XVII)*. «Lusitania Sacra», 2ª série, 11 (1999), pp. 59-85, esp. p. 60. Cf. também COELHO, Maria Helena da Cruz – *A acção dos particulares para com a pobreza nos séculos XI e XII*. In *A Pobreza e a Assistência aos pobres durante a Idade Média. Actas das Primeiras Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*. Tomo I. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1972, pp. 231-257.

<sup>5</sup> TAVARES, Maria José Pimenta Ferro – *Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média*. Lisboa: Ed. Presença, 1989, pp. 36-39.

uma vida itinerante, recorrendo a expedientes de vária natureza, de modo a assegurarem a sua sobrevivência<sup>6</sup>, ainda que, como já realçou Jacques Le Goff, os conceitos de «pobre», «doente» e «vagabundo» tenham funcionado, em regra geral e apesar das fronteiras fluidas que os configuravam – não raras vezes associadas a questões ligadas ao envelhecimento –, como sinónimos ao longo da Idade Média<sup>7</sup>, período em que aqueles constituíam as mais largas franjas da população<sup>8</sup>.

Os debates polarizados em torno da pobreza e da miséria, equacionando não apenas os problemas morais, como também políticos que delas advinham, amplificam-se no século XVI, configurando um quadro que só será compreensível se não se perder de vista aspetos, como as discussões, nos círculos humanistas, não só de católicos, como de reformados, que propunham (possíveis) soluções para o problema, como também as consequências, de natureza social, económica e demográfica, causadas pela «primeira globalização», potenciada pela Expansão, do estabelecimento de novos circuitos comerciais (Oriente e América), que favoreceram a deslocação de pessoas, conduzindo ao aparecimento de novos ricos e de mais pobres.

Nesta polémica digladiavam-se duas fações opostas: uma, apoiava as propostas reformistas que Juan Luis Vives defendia na sua obra *De subventionem pauperum* (1526) e considerava que a pobreza devia ser «resolvida» institucionalmente, através da criação de postos de trabalho para os pobres; a outra, que tinha entre os seus principais representantes o dominicano Domingos de Soto, defendia a tradicional doutrina cristã da caridade<sup>9</sup>.

Evocar este enquadramento, significa, naturalmente, sublinhar que o mundo social dos pobres, ao longo dos séculos XVI e XVII, foi pautado pela insegurança, configurando uma dimensão de inconstância que conduz, não raras vezes, às portas do crime e ao desenvolvimento de comportamentos como a astúcia ou a mentira. É também um mundo social associado à desordem (desacatos, revoltas), porque era considerado um mundo sem regra: os pobres, os mendigos, os vadios tinham apenas como «regra» a subsistência e a habilidade, que, naturalmente, causam um grande desconforto em uma sociedade que se quer ordenada, nos séculos XVI-XVII – bastará, de resto, evocar esse universo declinado na novela picaresca, que conheceu larga fortuna no caso espanhol, como o testemunha o

<sup>6</sup> MORENO, Humberto Baquero – *Exclusão e marginalidade social no Portugal quatrocentista*. «Ler História», 33 (1997), pp. 37-51.

<sup>7</sup> LE GOFF, Jacques – *La civilisation de l'Occident Médiéval*. Paris, 1964, p. 394.

<sup>8</sup> MOLLAT, Michel – *Les pauvres au Moyen Age*. Bruxelles: Editions Complexe, 1984; GEREMEK, Bronislaw – *La potence ou la pitié. L'Europe et les pauvres du Moyen Age à nos jours*. Éd. Gallimard, 1987.

<sup>9</sup> Para o caso espanhol, CARVALHO, José Adriano de – *Pauperismo e sensibilidade social em Espanha nos fins do século XVI*. Separata da «Revista da Faculdade de Letras», Porto, 1974.

*Lazarillo de Tormes* (1554)<sup>10</sup>: isto é especificamente significativo nestes séculos em que se afirmam os estados modernos, com um grande investimento na centralização do poder régio, criando um corpo legislativo e administrativo que assegura essa centralidade.

Muito provavelmente, a atitude para com os pobres terá assumido, desde o século XV, contornos e matizes diversos em Portugal, devido à lógica caritativa das Misericórdias fundadas pela rainha D. Leonor de Lencastre<sup>11</sup>, que foram calibrando um quadro muito específico, se comparado com o de outros territórios europeus: efetivamente, as suas linhas-de-força assumem orientações diversas daquelas que enformaram a moldura das práticas assistenciais aos mais desfavorecidos na Europa da Época Moderna, declinando uma certa «especificidade» do caso português, que parece, deste modo, se afastar, em larga medida, do «restritivo e discriminatório modelo de caridade cívica proposto por Vives»<sup>12</sup>.

Ainda que a tratadística seiscentista, em Portugal, não tenha sido propriamente prolifera no que diz respeito ao tratamento de questões relacionadas com a pobreza, a riqueza, a caridade ou a misericórdia, parecidos que não será despiendo realçar os moldes em que a literatura religiosa portuguesa e de espiritualidade tentou equacionar dimensões configuradas em torno da definição (ou até mesmo resolução...) daquelas problemáticas, não raras vezes enformadas pelos matizes e pela fluidez que configurava diversas categorias a elas associadas e pela dimensão escatológica. A título de exemplo, valerá a pena evocar a definição de pobre e de rico que Fr. Heitor Pinto oferece, na *Imagem da Vida Christã*<sup>13</sup>, retomando assim o legado escrito de Séneca e testemunhando, deste modo, a fortuna que o estoicismo conheceu no domínio da literatura religiosa e de espiritualidade, nos séculos XVI e XVII: de resto, bastará recordar uma outra obra de D. Juan Baños de Velasco y Azevedo, *El Sabio en la Pobreza. Comentários estoycos, y históricos a Seneca* (Madrid, 1671)

<sup>10</sup> CARVALHO, José Adriano de – *Pauperismo e sensibilidade social em Espanha nos fins do século XVI*. Art. cit., p. 8.

<sup>11</sup> SOUSA, Ivo Carneiro de – *A rainha D. Leonor (1458-1525): poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade do Renascimento*. Lisboa: FCG, 2002; SÁ, Isabel dos Guimarães – *Quando o rico se faz pobre: misericórdias, caridade e poder no Império Português (1500-1800)*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1997; ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (coord.) – *A intemporalidade da Misericórdia. As Santas Casas portuguesas: espaços e tempos*. Braga, 2016.

<sup>12</sup> WOOLF, Stuart – *Ideologias e práticas de caridade na Europa Ocidental do Antigo Regime*. Prefácio a SÁ, Isabel dos Guimarães – *Quando o rico se faz pobre: misericórdias, caridade e poder no Império Português (1500-1800)*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 13. Cf. também ABREU, Laurinda Faria dos Santos – *A especificidade do sistema de assistência pública português*. «Arquipélago». História, 2ª série, vol. VI (2002), pp. 417-434.

<sup>13</sup> PINTO, Fr. Heitor (O.S.H.) – *Imagem da Vida Christam*. Lisboa: por João de Barreira, 1572, f. 116 v.: «Quam ricos seriá o homê se se quisessem cõter com pouco! Seneca diz: Se viueres segundo a opinião, nũca serás rico, & se segundo a natureza, nunca serás pobre».

para relevar a sua fortuna, especialmente no que às questões morais e éticas dizia respeito, a que não será alheio, certamente, o peso que o pensamento de Santo Agostinho exerceu. Por seu lado, Fr. Amador Arrais exalta a pobreza da Virgem Maria, como testemunha o seguinte excerto:

*Quis o Senhor dos Ceos nascer de mãy pobre, pera com seu exemplo nos mostrar que por o caminho da pobreza podemos ir às verdadeiras riquezas. Nasceo pobre, viveo pobre, & morreo nu sendo Senhor de todas as riquezas do mundo, & nós soffremos tão mal, & temos por vergonha a sorte da pobreza, que nos coube. Se olharmos à necessidade, nunca seremos pobres, & se servirmos à cobiça nunca seremos ricos. O que he pobre na vida, será alegre na morte. [...] Digna de ser amada é a pobreza, pois toma o officio à temperança, & faz o que ella devia fazer<sup>14</sup>.*

Por outro lado, a leitura de diferentes hagiografias evidenciará que, em vários casos, os exemplos modelares que coagulam não se desviam da valorização de tópicos conotados com o elogio e a apologia da Pobreza. Deste modo, reatualizando a mensagem evangélica, as várias «Vidas» de São Francisco de Assis declinam um modelo de santidade escorado no amor a Deus, na capacidade de sofrimento e penitência e na apologia do ideal do *contemptus mundi*, emuladas enquanto uma espécie de síntese da espiritualidade mendicante: neste sentido, a figura de Francisco é, no registo escrito, «construída» à luz da reminiscência da figura de Cristo, calibrando um retrato em que a Pobreza (assim como a Humildade) adquire uma conotação evocativa<sup>15</sup>. É bem sabido que a pobreza – pelo menos, teoricamente –, esteve sempre presente nos meios monásticos - mas haverá que valorizar que o facto de o próprio Francisco ser um «pobre voluntário» - lembremos que ele era rico e que, por vontade própria, se faz pobre, mas, mais tarde, ele mesmo se sentirá «dividido» em relação aos moldes em que se deveria «viver» a pobreza... – assume um destaque extremamente significativo, emulando estes casos como exemplos necessariamente dignos de elogio, porque se demarcavam do dos mendigos ou vadios. De resto, a exemplaridade do *Poverello* era tão notória e extraordinária (que nem deveria ser imitada...<sup>16</sup>) que o papa Gregório IX nem sequer a submeteu às provas exigidas

<sup>14</sup> ARRAIS, D. Fr. Amador – *Dialogos*. Coimbra: na Officina de Diogo Gomes Loureiro, 1604, p. 762.

<sup>15</sup> FLORETO de São Francisco. Nota de apresentação por CARVALHO, José Adriano de. Porto, 1988; CARDINI, Franco – *São Francisco de Assis*. Lisboa: Ed. Presença, 1993.

<sup>16</sup> MANSELLI, Raoul – *Agiografia franciscana tra interpretazione teologica e religiosità popolare*. In *Agiografia nell'Occidente Cristiano. Secoli XIII-XV (Atti dei Convegni Lincei, Roma, 1-2 marzo 1979)*. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1980, pp. 45-56.

no âmbito dos processos de canonização<sup>17</sup>...

Mas, neste enquadramento, valerá a pena sublinhar que a devoção à Humanidade de Cristo, muito especialmente à dimensão da Paixão, nutrida por São Francisco de Assis, acaba por ter um papel importantíssimo na moldura da valorização da Pobreza. Lembremos que a espiritualidade medieval, assim como a arte românica, tenderam a valorizar a realeza de Cristo, que, na maior parte dos casos, era representado com coroa imperial, os olhos abertos e os braços ainda dispostos horizontalmente. Assim, a valorização da imagem de um Cristo sofrente<sup>18</sup>, despojado de atributos conotados com a Sua Majestade, e, deste modo, mais próximo da frágil condição humana, assumirá uma centralidade fundamental, na moldura da espiritualidade mendicante.

Se a fortuna da «Vida» de São Francisco de Assis seria, muito provavelmente, amplificada, em Portugal, a partir da difusão impressa, através do *Flos Sanctorum* de 1513, o seu exemplo paradigmático conheceria uma renovada receção com a publicação do *Tractado de como San Francisco busco y hallo a su muy querida señora la Sancta Pobreza* (Lisboa: por João Blávio, 1555), um impresso raríssimo, pois só se conhece o exemplar que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal. Nicolás António escreveu, em 1672, que este livrinho, traduzido do latim (com o título *Sacrum Commercium Beati Francisci cum Domina Paupertate*) para castelhano por um franciscano da Província da Piedade, se tinha imprimido em Lisboa, em 1529, mas que dessa edição não se conhecia nenhum exemplar<sup>19</sup>. Contudo, Francisco Leite de Faria, na sua «nota prévia» à versão fac-similada da obra, considera que esta edição de 1529 terá efetivamente existido, porque D. Jaime, duque de Bragança, que a mandou imprimir, como se lê na folha de rosto da edição de 1555, faleceu em 1532: ou seja, antes de 1529 teria pagado a sua impressão. De facto, este enquadramento parece traduzir a forte e profunda proximidade existente entre D. Jaime e os franciscanos (nomeadamente com os Piedosos), tanto mais sintomática se tivermos em conta que, por estes tempos, os leigos vinham solidificando a sua «emancipação» no domínio das práticas espirituais e devotas, exercendo um papel cada vez mais ativo, assim como o facto de que os capuchos conseguiram, entre 1505 e 1529, fundar um número muito significativo de conventos – muitos deles sob a égide de várias figuras

<sup>17</sup> VAUCHEZ, André – *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge. D'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*, École Française de Rome, 1988, p. 389: «la synthèse religieuse qu'il elabora depuis le moment où il renonça à la fortune paternelle jusqu'à la stigmatisation de l'Alverne, constituait une innovation si radicale que nombre d'entre eux n'ont pas hésité à voir en lui un autre Christ, alter Christus, ouvrant une nouvelle étape dans l'histoire du salut».

<sup>18</sup> CARVALHO, José Adriano de Freitas - *Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630)*. In *Homenaje a Elias Serra Ráfols*, II, La Laguna: Universidad de La Laguna, 1970, pp. 47-70.

<sup>19</sup> FARIA, Francisco Leite de – *Nota prévia a Tractado de como San Francisco busco y hallo a su muy querida señora la sancta Pobreza*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981, [p. V].

da nobreza<sup>20</sup> -, configurando uma moldura que não poderá ser dissociada do fascínio que o seu modelo de espiritualidade exerceu nos círculos devotos de Quinhentos.

O elogio da pobreza coagular-se-á, na centúria seguinte, nos *Triumphos de la sancta Evangelica Pobreza en la religion Seraphica de nuestro padre San Francisco. Collegidos por fray Iuan de las Llagas Ministro pretérito de la sancta Prouincia de nuestra Señora de la Rabida de los frayles Menores de la Observancia Regular en Portugal* (Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1625). A obra exalta a figura de São Francisco (ainda que lembre também S. Domingos de Gusmão, no Prólogo) e o papel renovador que a fundação da Ordem dos Menores trouxe ao contexto religioso e espiritual da Idade Média. Nos vários «Tratados» que compõem a obra, o autor realça que a fundação da Ordem dos Menores foi profetizada por S. João Evangelista e que São Francisco «sacó a la Sancta Euangelica Pobreza de los desiertos dóde andaua desfavorecida, y la hizo andar por los poblados muy querida»; no «Tratado Terceiro», destaca os casos de vários reis e grandes senhores que se fizeram pobres, na linha do alto exemplo do *Poverello*.

A virtude da pobreza, enquanto elemento «identitário» do modelo de santidade «corporizado» por São Francisco de Assis, será novamente exaltada no título da obra do Padre António Cortez Bremeu, *Vida do glorioso São Francisco de Assis reduzida a um panagirico da pobreza, e humildade do Santo* (Lisboa: na Officina Alvarense, 1746), dedicada ao infante D. Manuel (1697-1736), filho de D. Pedro II e de sua segunda mulher, D. Maria Sofia de Neuburg, e irmão de D. João V, que se distinguiu no exercício das armas, demonstrando grande bravura em várias guerras e batalhas travadas em vários territórios europeus<sup>21</sup>.

Em todo o caso, parece-nos que não foram apenas os Evangelhos, as obras dos Padres da Igreja ou exemplos altamente paradigmáticos como o de São Francisco que tiveram um importante peso na (complexa) valorização da pobreza. Assim, julgamos que não será despidendo valorizar a importância que a *Devotio moderna*, surgida na segunda metade do século XIV, graças a Gerard Groot e Florent Radewijnd, teve no âmbito da difusão de um ideal de pobreza, de oração e de partilha, almejando assim um regresso ao cristianismo primitivo. Mas será, efetivamente, o contexto da Contrarreforma, que, encetando uma estratégia que visava o disciplinamento, imposto a todas as esferas da sociedade, favoreceria uma progressiva centralização e burocratização da vigilância em torno do culto

<sup>20</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *D. Jaime, duque de Bragança: entre a cortina e a vidraça*. In CURTO, Diogo Ramada (ed.) – *O Tempo de Vasco da Gama*. Lisboa: Difel, 1998, pp. 325-329, esp. p. 326.

<sup>21</sup> Motivo pelo qual, segundo ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins – *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Tomo I. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1989, pp. 564-56, o irmão, D. João V, lhe votou profundo ódio, não apoiando financeiramente a sua pretensão à coroa da Polónia...

dos santos, catalisando uma certa cristalização das representações dos modelos de santidade: com efeito, a figura do santo da Contrarreforma foi sendo alvo de uma certa «despersonalização» e perspetivada numa esfera mais «universalista», de forma a que as suas virtudes pudessem ser reconhecidas e imitadas pelos fiéis em todo o orbe católico, mas que se prende também com o que Carlota Miranda Urbano designou como uma interpretação heróica da existência, originada pelo interesse humanista em relação à «Igreja primitiva em geral, pelos seus modelos de santidade, veiculados na literatura hagiográfica, os seus bispos, os seus ascetas e em especial os seus mártires», que se tornaram «referências heróicas na imitação radical do mártir por excelência, Jesus Cristo»<sup>22</sup>. De facto, o elemento comum na definição da santidade dos tempos pós-Trento foi a heroicidade de virtudes<sup>23</sup>, que favoreceu, naturalmente, a difusão de textos que divulgavam modelos/pautas comportamentais paradigmáticas, que poderiam ser imitadas por todos. E daqui se justifica a importância que a pobreza e a caridade têm nas «Vidas»: um peso que se reveste da centralidade que estas dimensões tinham desde os Evangelhos, acentuadas com o franciscanismo, e como o seu exercício constitui uma via de «santificação» - uma «santificação» que é possível também aos leigos<sup>24</sup>, independentemente do seu estado e da sua condição social - ainda que, pesem embora as reconfigurações que aquela foi sofrendo, continue a ser valorizada sob o prisma do claustro...

Se pretendermos auscultar os moldes em que, na literatura religiosa e de espiritualidade, se equacionaram as questões relacionadas com a pobreza e a caridade, haverá que revalorizar e sublinhar as «Vidas» de santos e as «Vidas» devotas, na medida em que «corporizavam» e coagulavam modelos exemplares de santidade - ou pelo menos, de virtude - que se configuravam como altos exemplos, propostos à imitação de todo o orbe católico e que, não raras vezes, se emulavam como paradigmas mais persuasivos e sedutores, que os

<sup>22</sup> URBANO, Carlota Miranda - *Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas*. «Península. Revista de Estudos Ibéricos», nº 1, (2004), pp. 269-276, esp. p. 270.

<sup>23</sup> De acordo com DE MAIO, Romeo - *L'ideale eroico nei processi di canonizzazione della controriforma*. In *Riforme e miti nella chiesa del Cinquecento*. Napoli: Guida Editori, 1992, pp. 253-274, até 1602, a figura do (candidato a) santo apresentada no âmbito dos processos de canonização era a de uma *excellencia virtutum*: é o pedido de canonização de Teresa de Ávila, solicitado a Clemente VIII nesse ano, que inaugura o uso da expressão «virtude heróica». A partir desta data, os procedimentos processuais exigirão a comprovação da prática das «virtudes heróicas», tentando, assim, pôr cobro a certos «abusos» concernentes ao carácter excepcional de alguns santos. Contrariamente a estas posições, VAUCHEZ, André - *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge. D'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. École Française de Rome, 1988, pp. 606-607, defende que a noção de «virtude heroica» não teve origem na época do Renascimento ou da Contra-Reforma: ainda que o seu uso se tenha tornado mais corrente por essa altura, aquela inspirava já os procedimentos da Santa Sé nas últimas décadas do século XIII, na medida em que o adjetivo «heroico» surge num documento pontifício de 1347, promulgado aquando da canonização de Santo Ivo.

<sup>24</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa/ Faculdade de Letras do Porto, 1995.



decretos ou outros documentos de natureza jurídica o canónica. Na moldura da Contrarreforma, que tanto estimulou mimetismos vários, no domínio da santidade e da divulgação através do registo hagiográfico, a figura de S. Francisco de Assis assume uma centralidade inequívoca no âmbito na revalorização da pobreza, ainda que seja necessário não perder de vista outros altos exemplos – como o de S. Aleixo, S. Martinho, Santa Isabel de Turíngia, S. Homebon de Cremona – que autorizaram a cristalização daquelas orientações.

Começemos por evocar *Ha Sancta Vida, e religiosa conversão de Fr. Pedro Porteiro do Mosteiro de Sancto Domingos de Evora* (Évora: por André de Burgos, 1570), de André de Resende, que nos narra o percurso existencial de um dominicano que a História, praticamente, ignorou – pese embora o facto de esta obra ser dedicada a uma grande senhora, a saber, D. Juliana de Lara e Meneses, duquesa de Aveiro<sup>25</sup>, e de aquele ter sido considerado um «porteiro santo»... Em todo o caso, já em Seiscentos, Fr. Pedro Calvo, na *Defensam das Lagrimas dos Justos* (1618)<sup>26</sup>, evocará ainda o exemplo de Fr. Pedro. André de Resende conta-nos que Pedro era natural de Aveiro e «sendo homem mancebo e pobre, andava em um navio por grumete, apartado, porém, dos vícios que em os semelhantes se soem achar. E, havendo o navio de fazer ùa viagem de dias, este, antes de se entregar ao mar, determinou confessar-se e tomar o santo sacramento. E para isso se foi ao mosteiro de Nossa Senhora da Misericórdia da Ordem de S. Domingos. [...]». Foi-lhe dado por confessor Fr. Antão, «o qual, ouvindo a confissão do penitente, achou nele tão boa disposição da alma, que lhe pareceu mais apto para o jugo da obediência regular, que para o ofício de grumete, que por sua pobreza o seguia. Por o qual o persuadiu a tomar o hábito da religião para servir a Deus, a que ele alegremente se ofereceu, se os padres do mosteiro lhe fizessem essa misericórdia. Em que o padre o favoreceu acerca do prelado e religiosos, e lhe lançaram o hábito de converso, ou frade leigo, porque nom sabia ler»<sup>27</sup>.

No mosteiro, Pedro começou a executar os «ofícios mais baixos e vis»:

<sup>25</sup> D. Juliana de Lara e Meneses era filha de D. Pedro de Meneses, III marquês de Vila Real, e de D. Brites de Lara (filha esta de D. Afonso, VIII Condestável de Portugal, e de D. Joana de Noronha) e foi casada com D. João de Lencastre, I duque de Aveiro, filho de D. Jorge, II duque de Coimbra, e de D. Beatriz de Vilhena. SOUSA, D. António Caetano de - *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Tomo II. Coimbra: Atlântida, 1946, pp. 291-292, e tomo XI, 1953, pp. 30-31; ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins – *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Ob. cit. Tomo III, p. 527.

<sup>26</sup> CALVO, Fr. Pedro – *Defensam das Lagrimas dos Justos*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1618, fol. 88 r.

<sup>27</sup> Utilizámos a seguinte edição: RESENDE, André de – *A santa vida e religiosa conversação de Frei Pedro*. In RESENDE, André – *Obras Portuguesas* (prefácio e notas do Prof. TAVARES, José Pereira). Lisboa: Sá da Costa Editora, 2008, pp. 159-160.

*Depois de já estar em grande reputação de todos, pareceu bem ao Prelado encomendar-lhe o cargo da portaria do mosteiro, assi por sua honestidade e madureza para o tal officio requisita, como por razão da muita caridade que em ele sentia, de procurar e ministrar a esmola que se usa dar aos pobres, acabadas as mesas da comunidade. O qual cargo o santo religioso sempre exercitou com tanto fervor e zelo de caridade, que, além das ordinárias esmolas e reliquias que ficavam das mesas dos religiosos, ele mesmo tinha cuidado na cozinha poer um asado particular para os pobres. E quando lhes ia repartir as esmolas, com tanto amor e gosto o fazia, como se em cada um visse corporalmente estar Jesu Cristo. Com o que já publicamente era chamado o servidor dos pobres*<sup>28</sup>.

Com efeito, a prática da caridade, que contribuiu, em larga medida, para a construção da fama de santidade de Fr. Pedro, era tão notória, que «ũa devota senhora, D. Caterina, por sua memória mandou pintar as paredes da portaria de fora, e entre os pobres postos em ordem, Fr. Pedro, repartindo as esmolas. A qual pintura durou ali muitos anos»<sup>29</sup>.

Quando Fr. Pero Dias foi eleito prior do mosteiro de S. Domingos de Évora, determinou que Fr. Pedro iria também com ele: «E sendo na vila sabido que Frei Pedro era levado, corriam os pobres em manadas à portaria do mosteiro, com choros e lamentações, que era causa piedosa»<sup>30</sup>.

O seu amor pela pobreza e a sua humildade plasmam-se também no modo como Fr. Pedro se apresentava, nomeadamente no que dizia respeito ao hábito:

*Nom sofria trazer hábito novo, nem os prelados o constrangiam a isso. Mas, quando o que trazia já nom prestava, davam-lhe outro velho, de pano grosseiro, que ficasse doutros frades leigos. Sobre o qual no Inverno trazia um bérnio [capa comprida] velho remendado, de que grandes tempos se serviu, até lhe ser mandado per obediência que tomasse outro, também velho. Este bérnio lhe servia de noute de cobertor. A túnica de junto da carne, que os outros religiosos usam trazer de estamenha, era de grosso e áspero burel, e sobre ele ãa almofada de lã nos peitos, por causa do estômago. Com o qual traje ele andava tão bem afeiçoado, que lhe chamavam os frades muitas vezes almofreixe mal entulhada, outras vezes azêmala mal albardada, e outros nomes semelhantes. A que ele logo acudia com seu familiar dito:*

---

<sup>28</sup> RESENDE, André de – Ed. cit., p. 163.

<sup>29</sup> RESENDE, André de – Ed. cit., p. 163.

<sup>30</sup> RESENDE, André de – Ed. cit., p. 165.

- *Mal de meu pecado! Ora folga-te tu com isso* <sup>31</sup>.

Mais conhecido – provavelmente porque canonizado... – será São João de Deus, cujo modelo de santidade se escora, sobretudo, na assistência aos pobres e aos doentes, espelhada, largamente, na fundação de um hospital, em Granada, em 1539, e na fundação da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros, confirmada por breve papal de Pio V, em 1571. Filho de André Cidade e de Teresa Duarte, São João de Deus chamou-se, no século, João Cidade; nascido em Montemor-o-Novo, em 1495, desapareceu da casa paterna, aos oito anos, na mesma noite em que um peregrino, a quem os pais tinham oferecido hospedagem, desapareceu também. Mais tarde, far-se-á pastor, em Oropesa, e alistar-se-á nas tropas do conde de Oropesa, participando assim nas guerras contra França; contudo, abandonará a vida militar e voltará à vida pastoril em Oropesa, Ceuta e Granada. Fr. António de Gouveia, na *Vida y muerte del bendito Pe. Juan de Dios* (1624)<sup>32</sup>, conta-nos que este, por volta dos anos trinta do século XVI, depois de chegar a Gibraltar,

*de jornalero se hizo mercader de algunos librillos deuotos, Cartillas, y Imagenes de papel, cõ los quales salia por los lugares comarcanos, pareciendole, que en este oficio viuiria con mas quietude, y mas libre de perigos, que hasta alli: y lo que principalmente le mouio a escoger este modo de vida, fue, parecerle, que podia aprouechar a los próximos (y no se engañò) porque entre los libros deuotos, lleuaua algunos profanos, à que el vulgo llama curiosos; y quando alguno llegaua a comprarlos, le persuadia, à que no lo hiziesse, sino que comprasse alguno de los buenos, y deuotos, aduirtiendò el provecho, que suelen sacar de la lecion destes, y el daño dela de aquellos, y tomaua de aqui ocasion, para dar à todos buenos documentos, particularmente a los niños, y era para loar à Dios, ver à vn mercader tan pobre, desacreditar su mercaderia, para que, perdendo en lo profano, ganassen los cópradores el prouecho espiritual, que les desseaua: daua baratos los libros buenos, y de valde las Imagenes, no querièdo mayor precio que, que la deuocion, que le deuian* <sup>33</sup>.

Mas esta empresa levada a cabo por São João de Deus assume feições verdadeiramente “drásticas” quando este vai para Granada, por volta de 1537,

<sup>31</sup> RESENDE, André de – Ed. cit., p. 177.

<sup>32</sup> Impressa em Madrid, por Tomas de Junta.

<sup>33</sup> GOUVEIA, D. Fr. António de (O.E.S.A.) – *Vida y muerte del bendito Pe. Juan de Dios*. Madrid: Tomas de Junta, 1624, f. 21 r.

e, depois de ouvir um sermão do Padre Juan de Ávila, se converte: como consequência, ao regressar a casa, desfez em pedaços, com as mãos e os dentes, todos os livros profanos que possuía, «con tanta azedia, que los que lo mirauan, se persuadieron, estaua loco»<sup>34</sup>, e, em sinal de arrependimento, andou percorrendo a cidade, ferindo o peito com pedras, e manchando o rosto com lama. Devido ao seu estado lastimoso, foi considerado louco e, como tal, internado no Hospital Real de Granada, onde permaneceu durante vários anos e conheceu de perto a violência e os maus-tratos de que os doentes eram alvo. A amizade que o ligava a São João de Ávila terá, muito certamente, contribuído para que João Cidade desse uma orientação diferente à sua vida: como nos contam os vários hagiógrafos, andou, durante onze anos, a pedir esmolas, as quais empregou na fundação de um hospital para pobres e doentes, que enfermavam de doenças contagiosas ou incuráveis, em Granada, que, com o passar dos anos, se veria, contudo, perante problemas de natureza financeira... São João de Deus dedicou grande parte da sua vida ao serviço do hospital por si fundado; foi beatificado em 1630, por Urbano VIII, e canonizado em 1690, por Alexandre VIII.

Por sua vez, o *Breve compendio da vida e açoens virtuosas do veneravel servo de Deos Fr. Antonio da Conceição, vulgarmente chamado Frei António do Lumiar, religioso da santa provincia da Arrábida* (Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1748) declina também um alto exemplo modelar (neste caso concreto, de um arrábido), em que a pobreza, na linha do paradigma do *Poverello*, assume um destaque polarizador. Conta-nos o biógrafo que na cela de Fr. António da Conceição

*resplandecia notavelmente a santa pobreza, nunca admittio cama, nem travesseiro; pois este era hum degrao de pao, e aquella huma cortiça, e somente tinha huma manta, com que se cobria, mas tão velha, que pelos muitos remendos necessitava de se examinar, para se conhecer o panno, de que fora feita. Em huma occassião reparando o Prelado nella, por compaixão lhe mandou dar hum cobertor, que por obediencia aceitou. O mais que tinha na cella era hum crucifixo á cabeceira, e huma estampa de Nossa Senhora, de quem sempre foy devotissimo, como também alguns livros da Comunidade, para ler o que lhe era necessário, e huma caveira.*

*Sempre andava descalço, ainda no mayor rigor do Inverno, que sempre neste Convento he mais rigoroso; porque quando chove se anda por cima da agoa, ou, para o dizer melhor, por baixo della; porque as cellas estão ao tempo, e não há Dormitorios, como nos mais Conventos: e quando succedia mandarem-no fóra do Convento (que poucas vezes era) então costumava*

<sup>34</sup> GOUVEIA, D. Fr. António de (O.E.S.A.) – *Vida y muerte del bendito Pe. Juan de Dios*. Ob. cit., fol. 24 v.

*levar huns tamanquinhos, somente para lhe servirem nesta ocasião; e também os calçava quando celebrava o incruento sacrificio da Missa, por decencia*<sup>35</sup>.

Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo, na *Vida de soror Iгнеz de Jesus, religiosa conversa no Convento da Anunciada desta cidade de Lisboa, insigne em virtudes* (Lisboa: por Mauricio Vicente de Almeida, 1731), conta-nos que os pais da biografada, Guilherme Perim e D. Catarina Bié, «nobres pelo sangue, e respeitados pela opulência»<sup>36</sup>, ficaram pobres. Inês ingressará no convento da Anunciada de Lisboa; quando ouve a bula de canonização de Santa Rosa de Lima, percebeu que «a perda dos bens fora permissão Divina; porque podendo ser socorro para a virtude, quasi sempre são obstáculo. Conheceu que em fazella Deos pobre por fortuna fora facilitarlhe os meyoys para o ser de espirito; e resolvendo-se a seguir a Christo, propôs comsigo imitar quanto lhe fosse possível a nova Santa, de que ouvira ler a Bulla, e a seu Patriarca S. Domingos»<sup>37</sup>, reatualizando, deste modo, a mensagem dos Evangelhos, segundo a qual a pobreza constituía um meio que facilitava o alcance de cristã perfeita – ao contrário das riquezas e dos bens mundanos que, pela sua própria natureza, conduzem à perdição.

A virtude da pobreza é também realçada pelo Padre Sebastião de Abreu (S.J.), na *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus* (Évora: na Oficina da Universidade, 1659), no sentido de promover o Padre João Cardim como um «exemplar perfeitissimo da pobreza Evangelica»<sup>38</sup> e, deste modo, um imitador do modelo de Cristo<sup>39</sup>. O Padre Sebastião de Abreu sublinha o gosto do Padre João Cardim em ser o mais pobre no vestir, no calçar, no comer e no mobiliário da sua câmara e a vergonha que sentia em haver alguém mais pobre que ele<sup>40</sup>, comportamento que o aproxima do exemplo de S.

<sup>35</sup> *Breve compendio da vida e açcoens virtuosas do veneravel servo de Deos Fr. Antonio da Conceição, vulgarmente chamado Frei António do Lumiar*. Ob. cit., pp. 33-35. A caveira foi largamente utilizada, como símbolo da «vanitas» e da morte, durante o Barroco, mas que era já utilizada como atributo de outros santos, tais como S. Bruno, S. Catarina de Sena e S. Maria Madalena. No entanto, no Museu de Alberto Sampaio, em Guimarães, há uma escultura, em pedra, que representa São Francisco de Assis com uma caveira na mão e na Igreja Matriz de Constância, mais concretamente na sacristia, encontra-se uma tela que retrata o fundador dos Mendicantes e, debaixo do crucifixo que este segura, encontra-se uma caveira.

<sup>36</sup> REBELO, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado – *Vida de soror Iгнеz de Jesus, religiosa conversa no Convento da Anunciada desta cidade de Lisboa, insigne em virtudes*. Lisboa: por Mauricio Vicente de Almeida, 1731, p. 3.

<sup>37</sup> REBELO, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado – *Vida de soror Iгнеz de Jesus, religiosa conversa no Convento da Anunciada desta cidade de Lisboa*. Ob. cit., p. 19.

<sup>38</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus*. Ob. cit., p. 209.

<sup>39</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus*. Ob. cit., p. 206.

<sup>40</sup> Conta-nos Sebastião de Abreu que o Padre João Cardim «invejava grãdemente andar algum mais pobre que elle; & por isso pretendeo, pedindo pera isso licença ao superior, trocar o seu manto, com ser bem velho, com hum Irmam, que trasia outro mais pobre; & pera que o nam entendessem dava por rezaó, que aquelle lhe estava melhor

Francisco de Assis<sup>41</sup>. Assim, o biógrafo realça a recusa do Padre João Cardim em receber algo novo para vestir ou calçar<sup>42</sup>; o desejo de que lhe dessem sempre a peça pior e que já que não servisse a ninguém<sup>43</sup>; a simplicidade do seu cubículo<sup>44</sup>; a limpeza do seu vestuário, apesar deste ser velho e pobre<sup>45</sup>; o gosto em comer os pedaços e as migalhas de boroa que sobejavam aos outros<sup>46</sup>; a utilização, nas aulas, de um papel negro e grosseiro para escrever, ao contrário dos seus discípulos, que utilizavam um papel fino. Para tal, o biógrafo recorre ao testemunho de um irmão da Companhia que, ao fazer a cama do Padre João Cardim, no dia do seu achaque, descobriu que «a pobre cama estava tão chea das pérolas da santa pobreza, a quem S. Francisco chamava irmãos seus» que

*os podiam tomar ás mancheas, & que só hum homem morto podera aquietar em tal cama; bastando poucos pera molestar a quem estivesse vivo, quanto mais tanta multidam de taes companheiros, & sô quem estava crucificado com Christo, & tam mortificado nos sentidos, que como totalmente morto parecia nam ter uso delles, estava nella com tanta quietaçam, & socego, como se estivera em huma cama de rosas, & de flores, que tal era pera o P. Joam Cardim aquella*<sup>47</sup>.

Continuar a revisitar as representações dos pobres na literatura hagiográfica e biográfica devota, no Portugal moderno, implica visitar os casos de ricos

---

pois hia mais veses fora, & lhe pesaria menos.» (cf. *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus*. Ob. cit., pp. 207-208).

<sup>41</sup> *Veja-se Floreto de São Francisco* (reprodução facsimilada do incunábulo nº175 da Biblioteca Nacional de Lisboa com nota de apresentação por CARVALHO, José Adriano de Freitas). Porto, 1988, p. 40, cap. XVII.

<sup>42</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus Vida e virtudes*. Ob. cit., p. 206.

<sup>43</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus Vida e virtudes*. Ob. cit., pp. 206, 207.

<sup>44</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus Vida e virtudes*. Ob. cit., pp. 206-207: «O seu cobiculo, & o da pobreza parecia o mesmo: porque nelle sô tinha huma Crus de pão, & huma imagem de papel; que o verdadeiro pobre de coraçam até nas cousas, que podem servir pera a devaçam, o quer ser. Tinha huma mesa velha, quanto lhe cabião huns livros espirituas, & os da Filosofia, que estudava; por cadeira hum banco estreito, nam sofrendo ter huma de pão que se dá a todos os Irmaões estudantes, huma pobre cama sobre quatro taboas velhas tam pobre, que o nam podia ser mais».

<sup>45</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus Vida e virtudes*. Ob. cit., p. 208.

<sup>46</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus Vida e virtudes*. Ob. cit., p. 208: «Quando jentava á segunda mesa, andava sempre buscando os pedaços de pam, que sobejavam aos outros, & estes sô comia, quando nam tinha os pedacinhos, & bocados de boroa, que sobejavam aos moços, porque hia a casa, onde os criados comião; & os pedacinhos, que lhes sobejavam, & as migalhas, que cahião pello cham, recolhiam em hũ lenço, & os levava á mesa, & isto comia nella com muita dissimulaçam, pera que os visinhos nam dessem fé».

<sup>47</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus*. Ob. cit., p. 151.

que «se fazem pobres», comumente designados como «pobres voluntários», que são sempre muito valorizados, em uma moldura pautada pela tónica do elogio. Aliás, na hagiografia não faltavam casos que «encaixavam» neste filão – parecendo, deste modo, «legitimá-lo»: bastará, de resto, lembrar o caso de Santo Aleixo. Pela mesma época, as « vaidades femininas » eram perspetivadas e avaliadas – e criticadas... – nos mesmos moldes: isto significa que eram particularmente elogiadas as senhoras que, de modo «heroicamente virtuoso», recusavam as «vaidades» – ainda que a sua condição social autorizasse uma certa tolerância relativamente a elas. Lembremos que esta moldura se amplifica a partir da primeira metade do século XVII, quando se acentuam as críticas às vaidades femininas: neste sentido, é importante não perder de vista que a obra *Afeite y mundo mujerial*, de Fr. Antonio Marquez, que se inscreve neste enquadramento, deverá ter sido escrita entre 1617-1626<sup>48</sup>. Deste modo, talvez valha a pena evocar a dedicatória – ainda que esta possa ser tópica... – do *Tratado da Vida Contemplativa* (Lisboa, 1627), que Fr. Filipe da Luz dirige a D. Jerónima de Lencastre<sup>49</sup>, realçando que esta senhora «para receber os bens do Ceo, não leua a Coroa real na cabeça nã na mão, mas põe-na debaixo dos pés, mostrando que assi suspira, & contempla nos bens do Ceo, que piza todos os da terra, ainda que grandes, & reais. Christo nosso Senhor, coroado foi, mas cõ espinhos; à sua imitação tomou vossa senhoria em lugar de Coroa Real a de espinhos, & a continua contemplação em sua amargosa paixão»<sup>50</sup>.

Lembremos o caso de uma D. Brites Catarina de Abreu (†1687), cuja «Vida», escrita por seu tio, D. Fernando da Cruz<sup>51</sup>, e editada com o título *Thezouro escondido: D. Brites Catherina de Abreu, seus colloquios amorozos com Deos; breve noticia de suas virtudes* (Lisboa: por Domingos Carneiro, 1689), realça as qualidades espirituais e as virtudes desta senhora, ou, para usar a terminologia do biógrafo, a sua «santa vida» e «santa morte». No *Thezouro escondido: D. Brites Catherina de Abreu, seus colloquios amorozos com Deos; breve noticia de suas virtudes*, lemos que aquela

*era muito alegre, & engraçada, & com a muita afabilidade, com que tratava a todos, se fazia amar de todos, os que a conheciam, & pela sua*

<sup>48</sup> MARQUÉS, Fr. Antonio (O.S.A.) (1964) – *Afeite y Mundo Mujerial* (ed. com introdução de Fernando Rubio, O.S.A.). Barcelona: Juan Flors Editor.

<sup>49</sup> Parece-nos tratar-se de D. Jerónima de Lencastre (ou de Noronha), filha de D. Dinis de Lencastre, alcaide-mor de Óbidos e de Soure (filho este de D. Afonso de Lencastre, comendador-mor da Ordem de Cristo, e de D. Jerónima de Noronha) e de D. Isabel Henriques, que não tomou estado e faleceu moça (SOUZA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Tomo IX. Coimbra: Atlântida, 1951, p. 40).

<sup>50</sup> LUZ, Fr. Filipe da – *Tratado da Vida Contemplativa*. Ob. cit., «Dedicatória».

<sup>51</sup> D. Fernando da Cruz editou-a sob o pseudónimo de «Padre Antonio Lopes, clérigo do habito de S. Pedro».

*muita humildade a respeitavão sem comparação mais, do que se uzasse dos faustos, & grandezas, que usão nesta Corte, as senhoras de sua qualidade; vestia sempre o habito de terceira de S. Francisco: fazendo-lhe seu marido Bernardo Sanches Pereira, nisto o gosto em o consentir, porque a amava muito, & como fidalgo tão entendido, conhecia suas grandes prendas para a respeitar*<sup>52</sup>.

Neste enquadramento, não será despidiendo evocar a *Vida de Doña María de Toledo Señora de Pinto, i despues María la Pobre, fundadora y primera Abbadessa del Monasterio de Sancta Isabel de los Reyes de Toledo* (Toledo: por Diego Rodríguez, 1616), do Doutor Tomás Tamayo de Vargas, dedicada a Filipe III. Soror María la Pobre, que no século se chamou D. María de Toledo, era filha de D. Pedro Suárez de Toledo e D. Juana de Guzmán, senhores de Pinto e pertencentes à nobreza de Toledo; nasceu em 1437. Desde criança, D. Maria destacava-se pelo seu amor aos pobres. Por imposição paterna, casa com Garci Mendez de Sottomaior, senhor de Carpio. Os deveres e obrigações do estado de casada não a impedem, todavia, de alimentar os pobres e acudir aos enfermos: «Regalabase Dios con tan perfectas acciones i regalaba con abundancia de faoures». Ao fim de sete anos de vida matrimonial, o marido faleceu.

Como nos conta o Doutor Tomás Tamayo de Vargas, «eran sus ejercicios ordinarios visitar los hospitales, considerar en cada uno de sus enfermos a IESV CHRISTO N.S. acudir como a el en ellos; haciales las camas, quitabales los malos olores, curabales las llagas, i sin horror alguno, antes cõ particular consuelo del cielo se las besaba; proueia de suerte sus necesidades que la succedio muchas veces dexarles hasta las mismas tocas de su cabeza voluiendo a su casa cubierta con solo el manto»<sup>53</sup>; visitava os presos e «acudia a los enterros de los pobres». Mais tarde, toma o hábito de terceira franciscana: «Trocó D. María los palacios antiguos de sus maiores por la humildad del Hospital pobre dela Misericordia, los regalos de sus padres por la pobreza de aquella habitacion, el ser seruida de nobles por seruir a los pobres»<sup>54</sup>.

Além disso, «vuscó para su habitacion enel mismo Hospital vna celdica retirada, que podia ser mas meditacion de la sepultura, que habitacion para vivir. Su adorno era unas pajas por cama, vna manta i almohada de pelos de cabra para su abrigo [...] cubriendo su cuerpo vn saco solo de xerga recojido por

<sup>52</sup> CRUZ, D. Fernando da – *Thezouro escondido: D. Brites Catherina de Abreu, seus colloquios amorozos com Deos; breve noticia de suas virtudes*. Ob. cit., «Carta do confessor desta serva de Deos».

<sup>53</sup> VARGAS, Doutor Tomás Tamayo de – *Vida de Doña María de Toledo Señora de Pinto, i despues María la Pobre, fundadora y primera Abbadessa del Monasterio de Sancta Isabel de los Reyes de Toledo*. Toledo: por Diego Rodríguez, 1616, fol. 19 r.

<sup>54</sup> VARGAS, Doutor Tomás Tamayo de – *Vida de Doña María de Toledo*. Ob. cit., fol. 26 r.



la cintura i muñecas con vnas sogas, los pies descalços, a la cabeza un paño tosco de estopa»<sup>55</sup>; por outro lado, «daba por tiempo mal empleado el que no trataba o con Dios o con sus pobres»<sup>56</sup>.

Os nobres de Toledo, fascinados e entusiasmados com o exemplo de D. María, acolheram e apoiaram a sua iniciativa, criando uma irmandade do hospital, para o serviço e socorro dos pobres e enfermos; todavia, será entre o círculo familiar que D. María encontrará obstáculos e uma certa resistência, na medida em que a sua mãe discorda deste modelo de vida escolhido pela filha... Neste quadro de exemplaridade modelar, enformado pelo amor e auxílio aos pobres, começa a ser conhecida como María la Pobre. Com o apoio dos Reis Católicos, María la Pobre fundará o mosteiro de S. Isabel de los Reyes, cuja invocação se deve à sua devoção a Santa Isabel de Hungria. Faleceu a 3 de Julho de 1507, tendo corrido, em Roma, um processo com vista à sua beatificação.

Jorge Cardoso inclui no I tomo do *Agiologio Lusitano dos Santos, & Varoens illustres em virtude do Reyno de Portugal, & suas conquistas* (1652) um caso de um nobre que se faz pobre: neste sentido, revisita o exemplo de Joanne, o Pobre (século XV),

*catalão, da illustre casa dos Condes de Urgel, que vindo em romaria a Sant-iago de Galliza, tocado da divina graça (deixando o mundo), fez vida eremítica em lugar solitário, junto de Nossa Senhora da Varzea, do mesmo districto, onde fabricou hum oratorio, no qual com grande aspereza, vestido de grosseira, e esfarrapada tunica de burel, e tam curta, que lhe não cobria os joelhos, nem cotovelos, passava a vida dormindo na terra fria, huma pedra por cabeceira, sustentando-se de secca broa, mendigada de esmola, onde Deos o visitava com extraordinárias consolações celestiais; de maneira que attrahidos do cheiro de suas virtudes, o vinhão visitar, e comunicar, o Arcebispo de Braga, e o primeiro Duque de Bragança, e outras graves pessoas, aos quaes fazia spirituales praticas inflamadas no amor de Deos, dando-lhe santos conselhos*<sup>57</sup>.

Mas as fontes respigadas permitem-nos também auscultar alguns casos

<sup>55</sup> VARGAS, Doutor Tomás Tamayo de – *Vida de Doña María de Toledo Señora de Pinto, i despues María la Pobre, fundadora y primera Abbadesa del Monasterio de Sancta Isabel de los Reyes de Toledo*. Ob. cit., fól. 26 v.

<sup>56</sup> Veja-se a definição de pobre que o autor nos oferece: «Indignamente es llamado pobre el que no echa menos nada, el que no solicita lo que outro tiene, el que es rico de Dios. Porque mas pobre es el que teniendo mucho desea mas i nadie llega a viuir tan pobre como nacio» (VARGAS, Doutor Tomás Tamayo de – Ob. cit., fol. 43 v.-44 r.).

<sup>57</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, & Varoens illustres em virtude do Reyno de Portugal, & suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: na Officina Craesbeckiana, p. 118. Reeditado por Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: FLUP, 2002.

de ricos que, apesar da sua condição, viviam como se fossem «pobres», pese embora o facto de o seu exemplo se demarcar, claramente, dos miseráveis, mendigos ou vadios... Nesse filão inscreve-se, por exemplo, o caso de D. Teotónio de Bragança, cuja «Vida» - *Relaçam summaria da vida do illustrissimo, et reverendissimo Senhor Dom Theotonio de Bragãça, quarto Arcebispo de Euora*<sup>58</sup>, de Nicolau Agostinho, editada em 1614 -, declina o modelo do «perfeito bispo», na linha das diretrizes tridentinas, que veio favorecer a revalorização do espírito evangélico e do zelo pastoral, assumindo como referência os decretos conciliares tridentinos, embora, na prática, certos aspetos que equacionavam esta dimensão, como, por exemplo, os provimentos dos prelados, vinham continuando a ser pautados por moldes anteriores, refletindo, deste modo, a confluência de poderes e influências diversos, como contraponto às críticas de que a Igreja vinha sendo alvo e a que várias reformas, anteriores à rutura despoletada por Lutero, tentaram dar resposta<sup>59</sup>. Lembremos que, para além da sua ascendência nobre – era filho de Jaime I, IV duque de Bragança, e de sua segunda mulher, D. Joana de Mendonça -, D. Teotónio de Bragança era um alto dignitário da Igreja, factos que, naturalmente, justificavam a sua condição económico-social: no entanto, este prelado «ilustríssimo em virtude» vivia como se fosse de condição inferior... Seria esta moldura um reflexo da proximidade do seu pai, D. Jaime, com os piedosos e a espiritualidade mendicante? Assim, conta-nos o biógrafo que

*Ordenouse Sacerdote, permanecendo neste estado, com muyto exemplo de castidade, & pureza della, & com menos renda do que a sua pessoa conuinha. Porque não tinha mais, que o Thezourado da igreja Collegiada da Villa de Barcellos, que rendia quatro centos Cruzados, & mil & duzentos mais, que tinha de pensão em Castella, donde lhos auia dado el Rey Phelippe segundo, seu segundo primo, & huma igreja nas serras de Tralos montes, da apresentação do Duque seu Irmão: a qual seruiu alguns annos, como próprio Cura, administrando os Sacramentos per si a seus fregueses, dando-lhe muita doctrina, & exemplo de grande Christandade, & viuendo naquela igreja em casas quasi palhiças, por não auer outras naquelas terra, como bom Pastor entre suas ovelhas*<sup>60</sup>.

No «Capítulo Quarto», intitulado «Do trato de sua pessoa & casa», o

<sup>58</sup> A propósito desta «Vida», escreve Pero Novais, censor do Conselho Geral da Santa Inquisição, que esta é «pia, exemplar a Prelados, & vtil pera se stampar» (cf. ob. cit., «Licenças»).

<sup>59</sup> CARVALHO, José Adriano de Freitas - *Antes de Lutero: a Igreja e as reformas religiosas em Portugal no século XV. Anseios e limites*. Porto: CITCEM/Afrontamento, 2016.

<sup>60</sup> AGOSTINHO, Nicolau - *Relaçam summaria da vida do illustrissimo, et reverendissimo Senhor Dom Theotonio de Bragãça, quarto Arcebispo de Euora*. Ob. cit., fol. 11 r.-11 v.

biógrafo realça que

*O trato, menea e serviço da casa do Arcebispo, e sua pessoa, foy sempre tal, que mais parecia hum Prior de igreja de pouca renda, que de hum Prelado de vinte contos della. Não auia em sua casa panos de Ráz, Brocado, nem Seda, nem Guademeçins dourados, nem outras curiosidades de ostentação. E a huns Guademeçins que lhe vierão de Castella vermelhos: trazendo, como se costuma, nas Sanefas dos cabos deles algumas Estampas de requibrados, as mandou mudar em rostos de Caueiras, que debaixo de humildade dauão graça: sò nas paredes, e portas de casa, vsaua de panos de Londres verdes sem guarnição algũa: as Cadeiras, Mesas, e Bofetes erão de pao de Nogueira chãas sem curiosidade algũa: o seruiço da Mesa o mais delle era Estanho fino: a cama ordinaria sem Seda, nem Colchas della: dormia em hum Estrado de madeira no chão, ou em hum Cathere de pao de Nogueira, que tambem lhe seruia nos caminhos, que fazia, tudo bem pobre, para seu estado: vestia ordinariamente Raxa preta, ou Baeta, e no campo Saragoça, ou Estamenha parda, mas tudo muito limpo, e bem feito por não parecer Hypocrita, de que foy sempre grande inimigo. Tudo o que vestia lhe daua muita graça, por ser pessoa graue, ayrosa, e alegre no parecer [...]. Não auia em sua casa Coxim, nem Almofada de Veludo de côres, nem Borcado: somente auia duas de Veludo preto para algum Hospede de respeito: as do serviço de sua pessoa erão de pano preto, e Cordouão, as quaes lhe seruião no Sitial, em que na See se encostaua: o qual era de Chamalote preto [...]. E posto que por respeito de sua Dignidade, teue sempre Estribeiro, pessoa nobre, a quem daua auentajado ordenado: todauia a Estrebaria era muy limitada em Mullas, e Ginetes, porque disto auia muy pouco, auia alguns Machos para o serviço da casa, e criados, e quatro Azemolas para o demais serviço, estas seruião tambem no Coche, que tinha em que andaua de couro morado, e as Corredices delle de Fillele preto, ou cousa semelhante, e as Almofadas do mesmo couro, sem outras Sedas, nem ouro. Tinha mais hũa Liteira forrada por dentro de pano Roxo, e de fora encerada, em que andaua na Visitação, e caminhos que fazia, de maneira, que em todo o seruiço de sua casa, e pessoa era honesto, e parco. Foy tanta a modéstia, e honestidade deste Prelado, que em todas as partes era louuado seu exemplo. E assi aconteceo, que mostrando-se a sua Sanctidade o Papa Clemente octauo, em Roma huma peça de Mescla de côr alegre, e apraziuel para vestir de campo, gabandoa, dixe: não estivera daqui mal hum vestido ao Papa, mas*

*que dixera sabendo Dom Theotonio Arcebispo de Euora*<sup>61</sup>.

Um outro exemplo ilustrativo a que poderemos recorrer é o de D. António Mendes de Carvalho, bispo de Elvas, revisitado por Jorge Cardoso no I tomo do *Agiologio Lusitano*: «no estado da casa, & tratamento de sua pessoa, mais parecia de Sacerdote particular, que de Bispo. Pois não vsaua outros manjares, que os ordinários, que dava a seus domésticos, sem ter pajens, nem porteiros, cujos officios escusava, residindo na primeira sala para ser achado de todos facilmente, o que fazia por forrar gastos para ter mais que dar aos pobres»<sup>62</sup>.

No I tomo do *Agiologio Lusitano*, Jorge Cardoso faz memória do caso modelar de Vicente, o Pobre, e de Catarina Afonso, sua mulher, «os quaes sendo moradores da cidade do Porto, & ricos de bens da fortuna, desejosos de sua salvação, seguindo o conselho do Propheta Ieremias, fugirão do meio da mundana Babylonia» para um lugar solitário, em Barcelos, «onde edificarão hũa piquena ermida com casinhas térreas; & dando primeiro a cambio toda sua fazenda a pobres para a receberem no ceo com inestimaueis ganancias, se recolherão nelas»<sup>63</sup>.

2. Os modelos de exemplaridades várias declinados pela literatura hagiográfica e pela literatura biográfica devota polarizam-se também, em larga medida, em torno do amor pelos pobres, (re)atualizando anteriores casos paradigmáticos, como, por exemplo, o de São Martinho de Tours. Neste sentido, a recuperação de vários exemplos de figuras que se destacaram no amor aos pobres e na prática da virtude da caridade emula estes casos enquanto vias de «santificação», não apenas para religiosos ou clérigos, mas também para leigos: confirma-o, por exemplo, o caso de Santo Homebon de Cremona, comerciante, casado e pai de filhos, canonizado em 1199, e de Facio de Cremona, estudados por André Vauchez<sup>64</sup>, enquanto exemplos do ideal de *contemptus mundi* e que se orientavam já num sentido de «emancipação» espiritual dos leigos, ou de Santa Isabel de Hungria.

Revisitemos o caso da rainha Santa Isabel de Portugal, que sofreu silenciosamente as infidelidades do marido, D. Dinis – configurando, assim, o

<sup>61</sup> AGOSTINHO, Nicolau – *Relaçam summaria da vida do illustrissimo, et reverendissimo Senhor Dom Theotonio de Bragaça, quarto Arcebispo de Euora*. Ob. cit., fols. 15 v-17 r.

<sup>62</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Ed. cit., tomo I, p. 91.

<sup>63</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Ed. cit., tomo I, p. 494.

<sup>64</sup> VAUCHEZ, André (1987) – *Le “trafiquant céleste”: Saint Homebon de Crémone (†1197), marchand et “père des pauvres”*. In DUBOIS, H.; HOCQUET, Jean-Claude; VAUCHEZ, André (org.) – *Horizons marins, itinéraires spirituels (Ve-XVIIIe siècles)*, I vol. Publications de la Sorbonne, pp. 115-122; VAUCHEZ, André (1972) – *Sainteté laïque au XIIIe siècle: la vie du bienheureux Facio de Crémone (v. 1196-1272)*. «Mélanges de l'École française de Rome. Moyen Âge, Temps modernes», t. 84, n° 1, pp. 13-53.

caso de uma «mal-casada»<sup>65</sup> -, que exerceu um importante papel de pacificadora entre o avô e o pai, durante a infância, e, mais tarde, entre o seu marido e o seu filho, o futuro D. Afonso IV. A obra *Vida e milagres de Santa Izabel Rainha de Portugal* (Coimbra: por João de Barreira, 1560), de Diogo Afonso de Macedo, privilegia a evocação daquelas dimensões, sem, contudo, abandonar uma focalização que valoriza algumas facetas da vida espiritual, devota e moral desta rainha, tais como a prática de obras de misericórdia, a fundação de mosteiros e conventos, ações pacificadoras e, após a viuvez, logo que a sua relação com o poder é ultrapassada, o seu ingresso no mosteiro de Santa Clara de Coimbra<sup>66</sup>. No tratamento da questão da pobreza, que aqui nos interessa, parece-nos que valerá a pena revisitar este excerto daquela «Vida» da rainha, em que, para além de exaltar e valorizar o amor que a rainha Santa Isabel nutria pelos pobres, encena também uma (possível) explicação para o facto de todos não terem sido bafejados por Deus com igual índice de riqueza:

*Nosso Senhor segundo sua sciencia eterna despos os estados dos homens de tal maneira que nam conuem em todos auer abastança dos bês temporaes; & pera côseruaçam deles quis & ordenou que hús mais que outros os teussem, com tal condição & obrigação que com os que teussem necessidade repartissem. Polo que os ricos e abastados ficam despenseyros dos bês de Deos. [...]. O seu esmoler distribuía muitas esmolos, mas «muytas pessoas vinhã nã tanto por auer esmola, como por a deuação que recebiã em ver a gloriosa Raynha destrubuir as esmolos. [...] Tinha muy conta com com os homês e molheres, fidalgos & hórados necessitados, & que de bastança vierã a pobreza: cõ franqueza & sem pejo lh'es fazia muy largas merces, dizendo que milhor & mais necessário era dar a estes que a alguns pobres. [...] Na quinta feyra da cea do señor a certas molheres pobres & algũas enfermas de enfermidades nojentas lauaua os pees & lhos beyjaua [...]. E a sexta feyra da mesma semana sancta mandaua dar muy grossas esmolos, ficãdo verdadeyra despenseyra dos bês de nosso Senhor*<sup>67</sup>.

A literatura hagiográfica e biográfica devota da Época Moderna não poderia, naturalmente, «fugir» a uma técnica de construção de santidade que se escorava, em larga medida, na valorização das virtudes heróicas e, neste caso concreto, da Caridade. Lembremos assim Fr. Adão Dinis (freire da Ordem de Cristo),

<sup>65</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Espelhos, Cartas e Guias*. Ob. cit, cap. II: «Os “bem casados”. A composição do modelo», pp. 67-99.

<sup>66</sup> FOLZ, Robert – *Les saintes reines du Moyen age en Occident (VI-XIII siècles)*. Bruxelles: Societé des Bollandistes, 1992, pp. 145-158.

<sup>67</sup> MACEDO, Diogo Afonso de - *Vida e milagres de Santa Izabel Rainha de Portugal*. Ob. cit., fol. 24 r-25 r.

que quando vinha a Portalegre pedir esmola, «que deixava aos presos, trazia às costas hum grande fexe de lenha para se quentarem os pobres, & doentes do hospital»<sup>68</sup>, ou S. Tomás de Vila Nova, que era, por antonomásia, o «Pai dos Pobres», como o testemunha o próprio título da obra *El Glorioso y Divino Triumpho de la canonizacion del Padre de los Pobres S. Thomas de Villanueva* (1650), dedicada a Alexandre VII.

Na *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus*, lemos que este jesuíta auxiliou sobretudo os mais pobres, revelando-se assim um obedientíssimo observante da doutrina cristã expressa em três textos bíblicos (Mateus, 11, 5; Isaías, 61, 1 e Lucas 4, 18), que Sebastião de Abreu convoca. Assim, parece-nos possível considerar que o Padre João Cardim via o Cristo humilde e pobre na imagem dos mais desfavorecidos e marginalizados do tecido social. Deus revelava-se-lhe na pobreza, do mesmo modo como se revelara o Cristo «menino» quando nasceu em Belém, pois Deus não se encontra nas riquezas ou nos bens materiais, mas sim no que é desprezado pelos mais abastados e orgulhosos. Os pobres parecem tornar-se assim uma espécie de «mestres» do Padre João Cardim, na medida em que, encontrando-se mais próximos de Cristo, em virtude da sua condição, estes ensinavam-lhe o significado da simplicidade, indicavam-lhe a via do sofrimento e da mortificação e recordavam-lhe a palavra dos Evangelhos. É Sebastião de Abreu quem nos conta que, durante o seu noviciado, o Padre João Cardim fazia «doutrina aos pobres na Portaria do carro, antes de se lhes repartir a esmola de todos os dias»<sup>69</sup>.

As suas ações espelham claramente o exercício da Caridade, cuja prática contribui também para a construção de uma imagem do Padre João Cardim como um *alter Christus* (embora o aproximem também de um S. Francisco de Assis, por exemplo), pois também como Ele (e tomemos como exemplo os Evangelhos) buscava os pobres e era o seu maior amigo, protetor e consolador. Assim, esta sua dedicação aos pobres parece mesmo transformar-se numa autêntica missão apostólica que, tendo em conta as suas exigências, poderia ser considerada um «serviço heróico»: efetivamente, como já realçou Romeo De Maio, esta foi a expressão com que a Igreja católica consagrou, no âmbito dos processos de canonização, «l'onore di servire Cristo nei "miseri"», surgindo «non solo come concetto ispirativo dei santi, ma anche come nuovo slancio operativo della società Cristiana della Controriforma»<sup>70</sup>.

O amor pelos pobres «corporiza-se» também na figura do mercedário Fr. Gonçalo Dias de Amarante († 1618), por antonomásia «o Pai dos Pobres», que

<sup>68</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Ed. cit., tomo I, p. 33.

<sup>69</sup> ABREU, Padre Sebastião de – *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus Vida e virtudes*. Ob. cit., p. 116.

<sup>70</sup> Cf. Romeo DE MAIO – Ob. cit., p. 265.

«não sacerdote mas leigo, e idiota; e posto que desconhecido na pátria, mui famoso nas Índias de Castella, onde floresceo», como escreve Jorge Cardoso. Desde muito jovem, Gonçalo determinou seguir uma vida ascética: como em casa dos pais «no podia mortificar su carne, sin nota, ni castigar su cuerpo cõ asperas disciplinas»<sup>71</sup>, abandonou o lar e fez-se pastor; mais tarde, começa a assistir em um hospital, auxiliando os enfermos e os peregrinos que, da Galiza, vinham visitar o túmulo de São Gonçalo de Amarante. Foi durante este período que Gonçalo conheceu uns marinheiros que vieram em peregrinação ao túmulo de São Gonçalo: deste modo, resolve acompanhá-los, dedicando-se à vida marítima. A reviravolta na vida de Gonçalo opera-se quando, durante uma viagem à ilha de Hispaniola (atual República Dominicana), sofre um naufrágio, do qual foi um dos poucos sobreviventes: após passar por várias circunstâncias conturbadas, consegue chegar a um convento de mercedários, mas só muito mais tarde, quando já contava cinquenta anos, decide entrar em religião, no convento de Callao, em Lima. A exemplaridade de Fr. Gonçalo Dias de Amarante escora-se em um modelo pautado pelo exercício das virtudes, muito especialmente da caridade para com os pobres e os doentes, e pela devoção à Virgem e à Paixão de Cristo. Mas a sua *fama sanctitatis* adquire um alcance mais lato graças aos milagres operados por sua intercessão – entre os quais se contam o auxílio nos partos difíceis, a multiplicação do pão – declinado na estampa que acompanha a sua «Vida» escrita por Fr. Filipe Colombo -, os quais ocupam um lugar muito significativo na economia narrativa, e cuja inclusão na obra não pode, claramente, ser dissociada da necessidade de torná-la um instrumento significativo no âmbito do processo que tinha em vista a sua beatificação.

Não será despidiendo evocar o caso da madre Francisca das Chagas († 30 de Maio de 1650), fidalga, filha de Manuel de Oliveira, valido da rainha D. Catarina de Áustria, que Fr. Jerónimo de Belém revisita na «Terceira Parte» da *Chronica Serafica da Santa provincia dos Algarves*. Deste modo, conta-nos que a madre Francisca das Chagas

*Manto nunca o teve; porque em o fazendo, logo achava dono, imitando a nosso Padre S. Francisco, que por acudir à necessidade alheya, faltava à própria, mas nestes lances da caridade, todos ficavão remediados, huns dando, e outros recebendo.*

*Tomou á sua conta humas pobres, a quem remediava com tudo, quanto podia ajuntar para ellas; e para que ainda fosse mais aceita a esmola, com cautela escondia tudo, querendo só a Deos por testemunha das suas obras. E*

<sup>71</sup> COLOMBO, Fr. Felipe – *Vida del siervo de Dios V. P. Fray Gonzalo Diaz de Amarante...* Madrid: Antonio Gonzalez de Reyes, 1678, p. 10.

*porque huma Religiosa a increpou, por deixar de comer o que lhe era preciso para a sustentação das suas pobres, respondeo: Madre, não posso dar aos pobres só o que me não serve; porque tenho nisso o escrúpulo; e se lhes não der do que me he preciso, disso me hei de confessar*<sup>72</sup>.

Contudo, o seu amor por estas pobres acabaria por lhe trazer alguns dissabores... Como nos relata Fr. Jerónimo de Belém,

*Não he crível o que lhes soffria de impertinencias; pois não havia cousa, que lhe não pedissem ; já para comer, e vestir, já Ornatos para oratórios, como candêas bentas, e perfumes; e finalmente quanto lhes vinha ao pensamento, que como lhe achavão sitio, não querião ter ociosa a sua piedade. Enfadadas já de pedirem, ou ainda pouco satisfeitas do muito, que tinham levado, até lhe mandarão dizer lhes procurasse hum Conego, com quem assistissem para as sustentar; e muito favor lhe fizeram em não pertenderem huma conezia para melhorarem de fortuna. A mesma Religiosa, que na roda aceitou o recado, lhe foi dizer: Madre, se não tem Conego, com quem as acomode, para que faz caso de semelhantes petições; ao que a Serva de Deos respondeo com a boca cheia de rizo: Coitadas, a necessidade as faz desvariar*<sup>73</sup>.

Na mesma «Crónica», Fr. Jerónimo de Belém evoca o caso de soror Fabiana do Horto, que «chegou muitas vezes a tirar o bocado da boca para remediar sua necessidade: despia-se a si para os vestir a elles: cortava do seu pobre habito para pedaços para os seus remendos; e suprindo com outros esta falta, parecia mais pobre que os mesmos mendigos. O manto de muito cortado sempre o trazia curto; e a própria cama em tanto era sua, em quanto não chegava á roda quem lha pedisse para remediar-se»<sup>74</sup>.

Por sua vez, Fr. Fernando da Soledade conta-nos, a propósito do caso de soror Francisca da Caridade, que

*Poucos serão os humildes, que não desejem viver na estancia da santa Pobreza, considerando que as opulências ordinariamente são causa das vaidades, e altivezas do coração. Este mesmo discurso devia fazer a Madre Soror Francisca da Caridade, porque ao seu abatimento juntava a*

<sup>72</sup> BELÉM, Fr. Jerónimo de – *Chronica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia de nosso Padre São Francisco*. Parte Terceira. Lisboa: no Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1755, p. 182.

<sup>73</sup> BELÉM, Fr. Jerónimo de – *Chronica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia de nosso Padre São Francisco*. Parte Terceira. Ob. cit., p. 182.

<sup>74</sup> BELÉM, Fr. Jerónimo de – *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves, da regular observância de Nosso Serafico Padre S. Francisco*. Parte Terceira. Ob. cit., p. 266.



*prerrogativa de ser por extremo pobre, assim no espirito, como no trato. Teve que deixar no mundo, e nunca mais lhe passarão pela memoria as alfayas, e possessoes do Egypto. [...] Seu comer era semelhante ao dos mendigos tendo por iguaria deliciosa as migalhas que deixavão as Freiras. Vestia panno grosso, e rustico, e por essa causa o mais baixo no preço. Se o habito era velho, andava muito mais contente, e quando o remendava por necessidade, tinha isto por muita galantaria. Todas as mais nas Esposas de Christo são tão abominaveis como invençoens diabólicas*<sup>75</sup>.

Além disso, «trazia as mangas do habito sempre providas para remedio dos pobres, e com tanta abundancia, que nenhum lhe pediu esmola, que não ficasse contente; nem podia ser menos, tendo ela mangas de São Francisco, e de Francisca da Caridade, se para si muito estreitas, dilatadas para todos»<sup>76</sup>.

De soror Antónia das Chagas (f. 1603), dominicana do mosteiro da Anunciada, conta-nos Fr. Luís de Sousa que

*Sua pessoa, e sua cella não só erão pobres, mas hum retrato da mesma pobreza. Via-se na cella huma Cruz de páo na parede, hum candieiro dos mais pobres, e ordinários; a hum canto hum pedaço de cortiça, que de dia lhe servia de assento, e de noite de cama huma só manta, e hum pequeno travesseiro: o vestido, e toucado era só aquelle, que de força havia mister para andar cuberta: mas este sempre velho, e consumido do uso, e por tal de outras Religiosas deixado. E ainda assim em quanto tinha por onde se poder remendar, nunca pedia, nem buscava outro. A causa de tanta pobreza era hum intenso desejo de se humilhar; e ser desprezada. Entendia quanto abate os fumos da vaidade humana a falta, ou descompostura do vestido. Quanto quebranta hum vilipendio de obra, ou de palavra. Estimava a vileza da roupa, porque achava n'ella humildade para si, e com a mesma dava ocasião a quem a via de riso, e zombarias, e desprezos, e por isso a procurava com a mesma ancia com que no mundo se bebem os ventos, e fazem desatinos pelo contrario*<sup>77</sup>.

A «Vida» de D. Teotónio de Bragança reflete, por sua vez, como a caridade e

<sup>75</sup> SOLEDADE, Fr. Fernando da – *Historia Serafica Cronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*. II parte. Lisboa, 1735, p. 438.

<sup>76</sup> SOLEDADE, Fr. Fernando da – *Historia Serafica Cronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*. II parte. Lisboa, 1735, p. 437.

<sup>77</sup> SOUSA, Fr. Luís de SOUSA, *Terceira Parte da História de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*. In *História de S. Domingos*. Volume II (Introdução e revisão de ALMEIDA, M. Lopes de). Porto: Lello & Irmão Editores, 1977, p. 41.

o amor aos pobres são aspetos fundamentais no âmbito da construção do retrato do «perfeito bispo», tanto mais que este ocupava uma relação privilegiada, enquanto medianeiro entre Deus e os Homens. No Capítulo 13, o biógrafo valoriza como o arcebispo de Évora «foy esmoler, & se ouue no tempo da Peste com os pobres, & feridos». Em 1579, ano em que começou o governo do arcebispado, houve falta de pão, que conduzirá a graves fomes em 1580: deste modo, D. Teotónio de Bragança mandou distribuir o pão que tinha nos seus celeiros pelos pobres:

*E por não bastar o que se achou para repartir em grão aos alqueires, deu ordem que se amaçasse, & em pão cozido lhes fosse dado: para o que cometteo o cargo a hum seu Capellão. [...] Este pão se repartia cada dia com os Pobres, dando a cada hum tantos Pães, quanta era a familia que tinha, para o que se tinha feita diligencia pelos Curas das igrejas, & assi se sabia quanto se auia de dar a cada hum.*

*A esta fome socedeo logo no Mes de Mayo do mesmo anno, na cidade, & Arcebispado, aquella grande, & cruel Peste, que então ouue: à qual acodio o bom Prelado, com tanto cuidado, que proueo logo de Esmolleres, para acudirẽm às necessidades, & casa da saúde, onde os feridos, se auião de recolher, que logo fez ordenar, & sagrou no campo, certo lugar para Cemiterio, em que os feridos mortos fossem enterrados, prouendo a casa da saúde, & de officiaes, que a gouernassem, Confessores, Esmolleres, Medico, Surigião, Barbeiro, & Botica: mandou que todo o seu se vendesse, & gastasse com os feridos da mesma casa da saúde, & Pobres da cidade: de maneira, que não ouuesse em cousa alguma falta, & assi tudo se prouia de Pão, carne de Carneiro, Gallinhas, Frangãos, cousas doces, Açucar rosado, Mermellada, Amendoas, & Passas, de que fez vir de Castella muita quantidade, Camas, & todo o mais Mouel necessário [...] & tudo em tanta abundancia, que lhe não faltaua nada: o que tudo foy bem notório.»<sup>78</sup>*

Conta-nos também o biógrafo que

*Na cidade de Euora, & seu Arcebispado: em quanto viueo, continuou sempre em dar esmolas: as quaes fazia publicas, & secretas & algumas dellas muito grandes: A Mosteiros de Religiosos, & Religiosas as fazia todas as vezes que lhas pedião muito liberalmente.[...] E pelas quatro festas principaes do*

<sup>78</sup> AGOSTINHO, Nicolau – Ob. cit., fol. 47 v.-48 v. ABREU, Laurinda – *O arcebispo D. Teotónio de Bragança e a reestruturação do sistema assistencial da Évora Moderna*. In ABREU, Laurinda (ed.) – *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Colibri/CIDEHUS/EU, 2004, pp. 155-165.

*anno, a saber Natal, Pascoa de Ressurreição, Spiritu Sancto, nossa Senhora de Agosto: mandaua dar moyos de Pão, aos alqueires no seu Celleiro, aos pobres da Cidade, conforme a calidade de cada hum. E posto que tinha Esmoller Sacerdote de confiança, per quem fazia suas esmolas, todavia informado das pessoas de quem se podia confiar, & auisado dellas, socorria às necessidades de quem o auisauão.*

*Hum dia Antõa Butaquá, letrado, que o seruia em sua fazenda, homem de muito credito, virtude, letras & idade: estando com elle lhe disse: Senhor eu tenho huma visinha honrada com três filhas, que por serem taes, leuuaõ Luuas nas mãos, quando vão à igreja, todas padecem necessidade, por serem pobres: auisado o vosso Esmoller, diz, que não ha de dar esmolla a molheres de Luuas: mas ellas padecem, Vossa Senhoria as deuia mandar prouer, porque sey de certo sua necessidade; louuou muito o Arcebispoa aduertencia de Antão Butaquá, & logo lhe deu dinheiro, que lhe leuasse, & mandou correr com ellas*<sup>79</sup>.

Preocupado com a saúde dos mais desfavorecidos, o arcebispo de Évora «tinha em sua casa hum Hospital de enfermos de infirmitades, que segundo o Estatuto do Hospital del Rey da cidade de Euora, não podião ser curados nelle, estes mandaua curar no Hospital de sua casa, ate terem perfeita saúde»<sup>80</sup>.

3. Neste enquadramento, valerá a pena realçar o papel exercido pelos leigos no domínio das práticas assistenciais aos pobres, que traduz, efetivamente, a afirmação de uma faceta ativa daqueles – que poderá ser tanto ou mais sintomática se não perdermos de vista que, desde a Baixa Idade Média, na esteira do lastro da *Devotio Moderna*, mas também da crescente – ainda que difícil e lenta – emergência de vários casos de «santidade leiga» (não raras vezes enformada por contornos místicos), estes vinham «reclamando» uma «promoção» no âmbito das práticas espirituais e devotas. E talvez valha a pena sublinhar que, em muitos casos, a participação naquele domínio passava, em larga medida, pela influência e proximidade que unia esses leigos – muitos deles falecidos com *fama sanctitatis* – aos mendicantes, especialmente aos frades da Observância<sup>81</sup>...

<sup>79</sup> AGOSTINHO, Nicolau – Ob. cit., fol. 52 r-52 v.

<sup>80</sup> AGOSTINHO, Nicolau – Ob. cit., fol. 52 v.

<sup>81</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *A religião no século: vivências e devoções dos leigos*. In AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Tomo I. Lisboa: Temas e Debates, 2004, esp. pp. 496-497. O primeiro florescimento da observância em Portugal data de finais do séc. XIV e diz respeito à Ordem dos Frades Menores. Muitos dos conventículos recebem proteção régia ou nobiliárquica: lembremos, de resto, a ligação da Casa de Bragança à Província da Piedade, da de Vila Real à Insua, de D. João I e D. Duarte à Carnota, etc. Cf. CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Benfeitores dos franciscanos observantes portugueses em tempos de Fr. João da Póvoa*. «Via Spiritus», 6 (1999), pp. 227-231.

A título de exemplo, valerá a pena evocar o caso de Élzear de Sabran e de sua mulher, Delphine de Puimichel. Estes casados modelares, na medida em que, durante vinte e cinco anos, nunca consumaram o casamento, estiveram, sintomaticamente, desde a infância, muito próximos dos franciscanos – que, como é sabido, exerceram um papel muito importante ao nível da afirmação da santidade leiga e, sobretudo, a condessa Delphine de Puimichel, destacou-se no amor aos pobres e na prática da virtude da Caridade. Élzear de Sabran foi canonizado em 1369 e Delphine de Puimichel seria beatificada em 1694<sup>82</sup>.

No Portugal medieval, destaca-se o caso de D. Constança de Noronha que, no estado de viúva (foi a segunda mulher de D. Afonso, duque de Bragança), toma o hábito de terceira; a sua casa foi «publico hospital de pobres, aos quaes com notavel caridade repartia grossas esmola, com que veio adquirir (por voz comum) reputação de muito Sancta»<sup>83</sup>.

Entre os casos portugueses, recuperemos o exemplo da Infanta D. Maria, a partir da *Vida de la serenissima infanta D. Maria, hija delrey D. Manuel, fundadora de la insigne capilla de Nuestra Señora de la Luz*, Lisboa, por João da Costa, 1675), de Fr. Miguel Pacheco. Com efeito, não tendo seguido a via do casamento nem ingressado na «vida religiosa», parece que à infanta D. Maria apenas restava adotar uma existência de contornos monásticos (pautada pelo cultivo da castidade, do ascetismo...), pelo exercício das virtudes – onde se destaca a Caridade para com os pobres e doentes – e de práticas espirituais e devotas, ainda que, como realçou Maria de Lurdes Correia Fernandes, a situação de «donzela», como não podia ser incluída em nenhum estado, pois era considerada passageira, nem sempre era vista com bons olhos, devido à ambiguidade que encerrava<sup>84</sup>. No capítulo X, o autor sublinha a «Charidad com los pobres» demonstrada pela filha mais nova de D. Manuel I, traduzida em largas esmolas a hospitais, donzelas, viúvas, órfãs, pupilos, cativos e qualquiera «outra categoria de gente necessitada»,

*continuados con la muerte, por lo que dexó de renta fixa para remedio destes mismos. [...] Por obligacion toca a los Prelados, Ecclesiasticos, en la opinion, mas fauorable a ellos, despenden en limosnas la tercera parte*

<sup>82</sup> Sobre estes casados modelares, que, de resto, estiveram, desde a infância, muito próximos dos franciscanos – que, como é sabido, exerceram um papel muito importante ao nível da afirmação da santidade leiga, veja-se: VAUCHEZ, André – *Deux laïcs en quête de perfection: Elzéar de Sabran (†1323) et Delphine de Puimichel (†1360)*. In VAUCHEZ, André – *Les laïcs au Moyen Âge. Pratiques et expériences religieuses*. Paris: Éditions du Cerf, 1987, pp. 83-92, e *Elzéar et Delphine ou le mariage virginal*. In VAUCHEZ, André – *Les laïcs au Moyen Âge. Pratiques et expériences religieuses*. Ob. cit., pp. 211-224.

<sup>83</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Ed. cit., tomo I, p. 256.

<sup>84</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Espehos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa/ Faculdade de Letras do Porto, 1995, p. 127.

*de sus rentas; otros la estienden a mas, y dizen que excepto la congura, todo lo restante es dellos contentemonos con lo menos; que del, que assi con pontualidade lo cumpliere, preguntaremos lo que preguntó Salomon Quis est hic; & laudabimus eum, Quien es este para alabarle, a la señora Infanta como persona seglar no la estrechauan tanto estas leyes: y solo la obligaua la comum de charidad; pero ella se daua por tan obligada, como si los bienes que tenia, fuessen menos suyos, que de pobres; juzgaua por infalible aquel documento, que quando Dios cō su liberal mano da las riquezas, el fin principal a que tira es hazer al que las recibe, maiordomo de necessitados; tal se presumia nuestra Princesa, a su Palacio acudiendo cada dia tanta frecuencia dellos, que a penas cabian en los zaguanes, parecia mas casa de vn gran Prelado caridozo, que de vna alteza del siglo. Esta limosna era para los pobres vulgares, que sempre tiene su mérito, aunque en algunos resabios de vrbaniidad, ostentando a su puerta aquel numero de mendigos cō que se haze, assi plausible, y a los que la reciben ociosos, viuiendo della muchos, que podian viuir de su trabajo, que a este respecto, ya vbo en esta Corte pregmatica, que no pudiessen pedir pobres, sino despues de examinada su pobreza, edad y fuerças, y a los aprouados se les daua señal publico para ser conocidos, y con esto se euitaua la ociosidad de los que quieren antes mendigar, que trabajar, no duro mucho tiempo esta ley, que a juicio de tantos era muy justificada, porque qualquiera, aunque buena, facilmente se pregona, y con difficultad se obserua; outra limosna ay que quanto le falta de publica, le sobra de mérito, que son las que se dan a personas que por su calidad, o enfermedad, ni pueden pedir, ni trabajar*<sup>85</sup>.

De acordo com Fr. Miguel Pacheco, a Infanta «se portaba como madre de los pobres», «corporizando» uma faceta escorada, em larga medida, em uma caridade que se perpetua mesmo após a sua morte:

*esta serenissima Infanta de quanto tubo hize herederos a los pobres, señal que los amaba con ardiente charidad, y en confirmacion , refirirle lo seguinte. Personaje grande vuo de la sangre, y por ella muy deudo de S. Alteza, que considerandola rica, y sin mas obligaciones, que las de su voluntad, pretendio con ancia eredarla. Aplico medios, interpuso personas que por ocasion del parentesco, abriessen camino a las sugestiones que pedia el intento. Mas nuestra Princesa mirando con ojos de buena vista, el arbol de su prosápia, hallose ser muy cercana parienta de los pobres, y remota del*

<sup>85</sup> PACHECO, Fr. Miguel (O. Cristo) – *Vida de la serenissima infanta D. Maria, hija delrey D. Manuel, fundadora de la insigne capilla de Nuestra Señora de la Luz*. Lisboa: por João da Costa, 1675, f. 112 r.

*pretendiente, y assi a aquellos dexo todo, a este nada, porque estando Dios en el primero, que por ser Padre tenia derecho a sus bienes, como ascendiente mas próximo, donde no hauia descendientes, dexando la Señora Infanta los suyos a pobres, que por beneficio de representacion, suceden a aquel señor, en virtud della tocava a estos la herancia. Assi lo explico nuestra Princesa, en su testamento, porque hablando alli de los socorros que les dexa: dixe: Porque se me acuerdan aquellas palabras del Euangelio, lo que hiziesteis a qualquiera dellos, a mi mismo lo hiziesteis, de modo que los declara herederos jure hereditario*<sup>86</sup>.

Por sua vez, Jorge Cardoso conta-nos que D. Tomás de Noronha, filho de D. Leão de Noronha – que, como José Adriano de Freitas Carvalho, exemplarmente mostrou, esteve muito próximo dos franciscanos<sup>87</sup> – casou com D. Helena da Silva, filha de D. Gil Eanes da Costa, senhor de grande fortuna, que soube habilmente gerir<sup>88</sup>. Deste modo,

*Celebradas as vodas, parece lançou Deos sua bênção a casa, crescendo nella os bens, de modo que quando falleceo, deixando treze filhos, ficou ao morgado dous contos de renda, & a cada hum dos outros a quatro mil cruzados de legitima, sem merces dos Reis, nem ajuda de algum commercio, ou negociação, mais que hum raro milagre com que o Senhor quis acrescentar este seu fiel seruo, pagandolhe (ainda nesta vida) com cento por hum a muita caridade, que vsaua com pobres, & necessitados em que despendia cada anno grande somma de dinheiro, tanto que dizia a sua mulher: Senhora não guardemos nada, demos tudo por amor de Deos, que elle terá cuidado de o acrescentar*<sup>89</sup>.

O Doutor Inácio Ferreira (†1629)<sup>90</sup>, chanceler-mor do reino, foi, de acordo com Jorge Cardoso, «mui integro» no exercício do seu cargo: mas terá sido, certamente, no domínio do exercício das virtudes e das práticas espirituais e devotas que ainda mais se terá destacado, granjeando-lhe, assim, a auréola

<sup>86</sup> PACHECO, Fr. Miguel (O. Cristo) – *Vida de la serenissima infanta D. Maria, hija delrey D. Manuel, fundadora de la insigne capilla de Nuestra Señora de la Luz*. Ob. cit., f. 113 r.

<sup>87</sup> CARVALHO, José Adriano de Freitas – “*Vida e Mercês que Deus fez ao venerável D. Leão de Noronha*”: do santo de corte ao santo de família na Época Moderna em Portugal. «Via Spiritus», 3 (1996), pp. 81-161.

<sup>88</sup> LEME, Margarida – *D. Gil Eanes da Costa: consolidação e incremento da riqueza e do prestígio*. In ROSA, Maria de Lurdes (coord.) – *D. Álvaro da Costa e a sua descendência, séculos XV-XVII: poder, arte e devoção*. Lisboa: IEM/CHAM/Caminhos Romanos, 2013, pp. 87-100.

<sup>89</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*. Ed. cit., tomo I, p. 149.

<sup>90</sup> O Doutor Inácio Ferreira casou com D. Paula de Sá, «mui semelhante a seu marido nos dotes da natureza, & da graça». Deste perfeito matrimónio nasceu, entre outros filhos, D. Bernarda Ferreira de Lacerda.

de «santidade». Assim, conta-nos o biógrafo que «a virtude que nella mais campeou, foi a da misericórdia», pois «remediaua secretamente a muitas pessoas recolhidas, & vergonhosas, não tendo numero as de cada hora. Cuzinhauasse em sua casa todos os dias panella mui cheirosa para pobres, & para os prezos nalgũs particulares da semana»<sup>91</sup>. Não estaria o Doutor Inácio Ferreira a ir de encontro, destoando, às práticas habituais de amparo aos de condição mais humilde, habituando os pobres a um «manjar» que não era comum lhes oferecer? Teria esta realidade a ver com o facto de os Arrábidos, como refere Jorge Cardoso, nunca «lhe saírem de casa»<sup>92</sup>? Provavelmente...

Nesta moldura, haverá também que revalorizar a dedicatória do *Norte de Ydiotas* (1563)<sup>93</sup>, de Francisco de Monzón, dirigida a D. Maria de Silva<sup>94</sup>. Neste paratexto, o autor afirma que a casa de D. Maria de Silva era um

*hospital de pobres, y méson de peregrinos, y escuela adonde se ejercitan las obras de la vida activa con toda caridad, y así es un monasterio y casa de religión adonde se reciben muy frecuentemente los santos sacramentos, y se ejercitan perfectamente los ejercicios espirituales de la vida contemplativa, ocupando señores y criados no pequeña parte del tiempo en santas meditaciones, según que van sumadas en este breve tratadico, debajo del título de una noble y devota mujer, que vos presenta al vivo, aunque se finge que ésta no sabía leer: porque se dé general ejemplo a todas las personas que, aunque no tengan lección de libros, se podrán ejercitar en todos los ejercicios de la vida espiritual*<sup>95</sup>.

Um outro exemplo a que poderemos recorrer é o da venerável matrona Margarida de Chaves, cujo processo com vista à sua beatificação ou canonização foi um dos mais sustentados nos séculos XVI e XVII, pese embora o facto de não ter conhecido o desfecho esperado. Se, no *Breve Compendio de santa vita di Margarida de Chaves di gloriosa memoria* (Roma, 1612) – que, muito provavelmente, terá servido como suporte ao processo que corria em Roma – Gonçalo Correia de Sousa, filho de Margarida de Chaves, realçava o amor que

<sup>91</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres (...)*. Tomo II. Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira, 1657, p. 488. Reeditado por Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: FLUP, 2002.

<sup>92</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres (...)*. Tomo II. Ed. cit., p. 488-489.

<sup>93</sup> Impresso em Lixboa, em casa de Ioannes Blatui de Colonia. Utilizamos a seguinte edição: CIVIL, Pierre – *Image et dévotion dans l'Espagne du XVIIe siècle: le traité Norte de Ydiotas de Francisco de Monzón* (1563). Paris: Publications de la Sorbonne/Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996.

<sup>94</sup> D. Maria de Silva era filha de João de Mello da Silva; casou com Francisco de Sousa Tavares, que foi capitão de Calecut, Cananor e Diu e autor do Livro da doutrina espiritual, Lisboa, por João Barreira, 1564 (cf. SOUSA, D. António Caetano de – Ob. cit., tomo XII-Parte I, p. 156).

<sup>95</sup> MONZÓN, Francisco - Ed. cit., «dedicatória», pp. 142-143.

a mãe – também ela muito próxima dos mendicantes... – nutria pelos pobres, para além da pobreza que ela mesma praticava, estes aspetos serão amplificados na *A Margarita animada, idea moral, politica e historica de tres estados, discursada na vida da veneravel Margarida de Chaves, natural da cidade de Ponte Delgada na ilha de S. Miguel*. Lisboa: por Antonio Pedroso Galvão, 1723), de Francisco Afonso de Chaves e Melo.

Conta-nos o biógrafo que

*a sua companhia erão os pobres, tratando-os sempre com carinho, e agrado; recolhia-os em casa, e só com elles se alegrava, dizendo que o cheyro dos pobres era cheyro de Deos. [...] Visitava repetidas vezes aos prezos levando-lhes esmolos, e a alguns livrava da justiça. Aos enfermeiros do Hospital da Santa Casa da Misericórdia erão continuas as visitas, levando-lhe alguns mimos, e regalos, confortava-os nas penalidades das doenças. Vendo huma pobre com huma mão feyta huma viva chaga, e já destituída dos Medicos, e Cirurgioens por incurável, lambendo-lha com a língua, com o eficaz remedio da saliva de sua boca lha sarou. [...] Em certo dia vio a huma menina nua, asquerosa, chagada; e compadecida do seu mau trato, e das enfermidades, que a molestavão, levou-a para sua casa [...]. As esmolos erão continuas, e tinha por perdido o dia, em que não obrava este acto da sua relevante caridade. [...] Tudo quanto tinha repartia com os pobres, e dizia, que senão tivera filhos, havia de vender todas as suas herdades, para repartir o procedido dellas pelos necessitados, de tal sorte, que lhe fosse preciso hir morrer a hum Hospital, aonde lhe dessem huma mortalha de esmola. [...] Todas as esmolos que fazia procurava occultallas de tal sorte, que senão soubesse que ella as fazia, principalmente as que dava a pessoas nobres, e recolhidas, e não só ella guardava segredo, mas recomendava a quem as levava o não revelasse. [...] Não se satisfazia só com fazer esmolos, mas também incitava a pessoas ricas, e abastadas que repartissem com os pobres os seus bens*<sup>96</sup>.

A sua proximidade aos franciscanos – que, provavelmente, a tornaria «permeável» ao seu modelo de espiritualidade – refletia-se também na prática da virtude da Caridade:

*Era tão amante dos mendicantes que não consentia que os familiares de*

<sup>96</sup> MELO, Francisco Afonso de Chaves e – *A Margarita animada, idea moral, politica e historica de tres estados, discursada na vida da veneravel Margarida de Chaves, natural da cidade de Ponte Delgada na ilha de S. Miguel*. Ob. cit., p. 87-93.



*sua casa os escandelizassem com alguma palavra, ou obra, reprehendendo-os asperamente se acaso isto obravão, com os que lhe vinhão a casa. [...] Os mendicantes fazião sempre morada na sua escada; & em huma Quaresma, em que se experimentava huma grande fome, por ser extraordinária a esterilidade, lhe forão tantos hum dia a casa, que era impossível bastar o pão, que naquele dia se tinha cosido, para a menor parte deles, quanto mais para tantos; porem dando a todos, não se achou diminuição alguma no pão*<sup>97</sup>.

De acordo com Francisco Afonso de Chaves e Melo, «Veyo-lhe huma miseravel mulher pedir hũa esmola, & tendo em huma mão huma ferida, asquerosa, & grande chaga, com huma concavidade cheya de podridão, indo darlhe a esmola lhe repugnou o animo verlhe a mão por nojo do mão cheyro, que lançava; porèm vencendo-se a si mesma, por humildade lhe lambeo có a língua as materias da chaga, & com esta medicina lha sarou»<sup>98</sup>. Com efeito, era «tão benigna, & afável para todos, que nunca obrou ação, de que pudesse resultar moléstia à pessoa alguma»: a sua companhia «eraõ os pobres, tratando-os sempre com carinho, & agrado; recolhia-os em casa, & só com elles se alegrava, dizendo que o cheyro dos pobres era cheyro de Deos»; pagava «as offensas com finezas, & remunerava os agravos com favores»; visitava repetidas vezes «aos prezos levando-lhe esmolos, & a alguns livrava da justiça»; aos enfermos do hospital da Santa Casa da Misericórdia eram continuas as visitas, «levando-lhe alguns mimos, & regalos, confortava-os na penalidade das doenças»; era «tão amante dos mendicantes que não consentia que os familiares de sua casa os escandelizassem com algũa palavra, ou obra»<sup>99</sup>; as esmolos eram frequentíssimas, «& tinha por perdido o dia, em que não obrava este acto da sua relevante Caridade, sendo tão generosa, & liberal, como Cesar Vespasiano»; todos os seus vestidos, assim como os dos seus filhos, repartia pelos pobres que deles necessitavam, «& muytas vezes depois de os dar pedia hum emprestado, para vestir, em quanto se lhe fazia outro; pois mais queria padecer o pejo de trazer hũ vestido emprestado, que o pobre experimentasse o da desnudes»<sup>100</sup>.

<sup>97</sup> MELO, Francisco Afonso de Chaves e – *A Margarita animada, idea moral, politica e historica de tres estados, discursada na vida da veneravel Margarida de Chaves, natural da cidade de Ponte Delgada na ilha de S. Miguel*. Ob. cit., pp. 88-90.

<sup>98</sup> MELO, Francisco Afonso de Chaves e – *A Margarita animada, idea moral, politica e historica de tres estados, discursada na vida da veneravel Margarida de Chaves, natural da cidade de Ponte Delgada na ilha de S. Miguel*. Ob. cit., p. 77.

<sup>99</sup> MELO, Francisco Afonso de Chaves e – *A Margarita animada, idea moral, politica e historica de tres estados, discursada na vida da veneravel Margarida de Chaves, natural da cidade de Ponte Delgada na ilha de S. Miguel*. Ob. cit., pp. 87-88.

<sup>100</sup> MELO, Francisco Afonso de Chaves e – *A Margarita animada, idea moral, politica e historica de tres estados, discursada na vida da veneravel Margarida de Chaves, natural da cidade de Ponte Delgada na ilha de S. Miguel*. Ob. cit., p. 95.

Na moldura da intervenção dos leigos, no domínio assistencial, inscreve-se também a fundação de Recolhimentos, que não se afastavam dos moldes em que se processava a intervenção da Igreja e da Coroa em matéria de caridade para com os mais desfavorecidos. Um desses exemplos é o do Recolhimento da Rainha Santa Isabel do Anjo ou Recolhimento do Anjo, para mulheres nobres (donzelas-orfãs, casadas e viúvas) fundado, no Porto, em 1672, por uma viúva, D. Helena Pereira, que, desta forma, «decidiu aplicar os bens herdados numa obra de reconhecida “utilidade pública”»<sup>101</sup>.

4. Por tudo isto e chegados a este ponto, parece-nos que valerá a pena tecer algumas reflexões. Os casos evocados mostram, claramente, como em uma Europa fraturada, do ponto de vista religioso e espiritual, e à procura de soluções para os crescentes problemas de natureza económico-social, as virtudes da pobreza e da caridade e as obras de misericórdia são objeto de uma revalorização, nos territórios de matriz católica, configurando-se, deste modo, como aspetos de certo modo «identitários».

No Portugal da Época Moderna, as Misericórdias, as várias iniciativas com o patrocínio da Igreja ou de particulares (sobretudo leigos), declinadas, por exemplo, na criação de recolhimentos ou hospitais, e a crescente expansão de ordens religiosas com vocação hospitalar e caritativa procuraram, cada uma a seu modo, «remediar» as situações de carência e de doença de que enfermavam as camadas mais humildes da sociedade daqueles tempos. Por outro lado, haverá que valorizar que, nos tempos pós-Trento, a hagiografia muito insistiu na promoção e na divulgação de figuras que se tinham destacado na caridade e no amor pelos pobres e que, muito provavelmente, terão estimulado mimetismos vários: a título de exemplo, lembremos os casos paradigmáticos de S. Tomás de Vilanova (†1555), canonizado em 1658; de S. João de Deus (†1550), beatificado em 1630 e canonizado em 1690; de S. Camilo de Lellis, fundador da Ordem dos Ministros dos Enfermos († 1614), canonizado em 1746; de S. Vicente de Paulo, fundador da Congregação da Missão (†1660), canonizado em 1737; ou de Santa Luisa de Marillac, fundadora das Filhas da Caridade, canonizada em 1934. E, em 1881, um pobre mendigo, Bento José Labre, seria mesmo canonizado e subiria à honra dos altares<sup>102</sup>...

<sup>101</sup> JESUS, Elisabete Maria Soares de – *Poder, caridade e honra: o Recolhimento do Anjo do Porto (1672-1800)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, 2 vols. Dissertação de Mestrado, pp. 30-31. Agradeço à Professora Doutora Helena Osswald ter-me chamado a atenção para este exemplo.

<sup>102</sup> CAFFIERO, Marina – *La politica della santità. Nascita di un culto nell'età moderna*. Roma-Bari: Laterza, 1996; CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Un santo en la «Viradeira». Los comienzos de la difusión del culto a Benito José Labre en Portugal (1783-1785)*. «Archivio Italiano per la Storia della Pietà», Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, vol. 27 (2014), pp. 75-97.

Ainda que muitos dos casos de «santidade» - ou pelo menos de virtude... - que aqui evocámos não tenham sido objeto de um reconhecimento oficial por parte da Cúria romana, e, por isso, não tenham chegado aos altares, tal facto não significa que o seu alto exemplo deixe de configurar, efetivamente, uma reatualização da mensagem dos Evangelhos e do paradigma cristológico, no que diz respeito à valorização das virtudes da Pobreza e da Caridade. Embora a investigação a que procedemos possa iluminar alguns destes caminhos, a problemática em torno da Pobreza e da Caridade e dos moldes em que se plasmou o amor pelos pobres, ao longo da Época Moderna, em Portugal, permanece ainda bastante opaca e poderá, talvez, tornar-se mais clara, à medida que outra documentação e outras fontes permitam a comparação de dados.

Artigo recebido em 20/07/2018

Artigo aceite para publicação em 15/11/2018

